

**GEORGE PADMORE E C.L.R. JAMES:
A INVASÃO DA ETIÓPIA, PAN-AFRICANISMO E UMA OPINIÃO
AFRICANA INTERNACIONAL**

Pablo de Oliveira de Mattos¹
Doutor em História
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
pablodeoliveirademattos@gmail.com

Resumo: Qual a relação entre a invasão da Etiópia em 1934, uma organização política Pan-Africana surgida no final da década de 1930 na cidade de Londres, e o desenvolvimento de uma epistemologia automeada africana e internacional? De que forma estes eventos e processos influenciaram a percepção sobre a África e a escrita de sua história? Abordarei neste artigo como as trajetórias de George Padmore e C.L.R. James, dois importantes intelectuais de Trinidad que organizaram o *International African Service Bureau* (1937-1943), e o jornal *International African Opinion* (1938-1939), podem auxiliar na compreensão da grande influência exercida por intelectuais da diáspora negra tanto na derrocada do colonialismo quanto na crítica ao estudos coloniais, através de textos dotados de uma epistemologia própria e propositiva de uma percepção transnacional da África. George Padmore e C.L.R. James, intelectuais caribenhos, militantes comunistas, homens que experimentaram os deslocamentos da diáspora e articularam lutas anticoloniais e anti-imperiais tiveram atuação central em todo este processo.

Palavras-chave: George Padmore; C.L.R. James; Pan-Africanismo; Anticolonialismo; historiografia africana.

**GEORGE PADMORE AND C.L.R. JAMES:
THE INVASION OF ETHIOPIA, PAN AFRICANISM AND AN INTERNATIONAL
AFRICAN OPINION**

Abstract: What is the relationship between the 1934 invasion of Ethiopia, a Pan-African political organization that emerged in the late 1930s, and the development of an autonomous African and international epistemology? How have these events and processes influenced the perception of Africa and the writing of its history? The aim of this article it's to comprehend how the trajectories of George Padmore and C.L.R. James, two leading Trinidadian intellectuals who organized the *International African Service Bureau* (1937-1943), and the *International African Opinion* (1938-1939), can help understand the great influence exerted by black diaspora intellectuals on both the overthrow of colonialism, and in the critique of colonial studies, through texts endowed with an own and purposeful epistemology of a transnational perception of Africa. George Padmore and C.L.R. James, Caribbean intellectuals, communist militants, men who experienced diaspora displacements and articulated anti-colonial and anti-imperial struggles played a central role in this process.

Keywords: George Padmore; C.L.R. James; Pan-Africanism; Anticolonialism; African historiography.

Texto recebido em: 28/06/2019

Texto aprovado em: 15/11/2019

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8446-2525>; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0480563172263434>.

Segundo observa Frederick Cooper, foi apenas durante a era da descolonização, nos anos 1950 e 1960, que os estudiosos africanos se tornaram um segmento reconhecido da comunidade de africanistas (COOPER, 2008, p. 26). Contudo, é neste período que os estudiosos negros – fossem eles do continente africano ou da diáspora negra – se distanciavam cada vez mais dos estudos coloniais. J.D. Fage sugere que a partir de 1948 a historiografia da África vai progressivamente se assemelhando à de qualquer outra parte do mundo. E que, sem que se leve em consideração as guerras por libertação no continente africano, seria impossível de se pensar em seu desenvolvimento ulterior (FAGE, 2010, p. 20). Desta forma temos tanto um referencial temporal que considera as “guerras” por descolonização de 1950 e 1960 e um referencial geográfico centrado no continente africano – palco destas guerras – enquanto marcos para a compreensão do desenvolvimento da historiografia africana feita e operada a partir de seus princípios e atores.

Entretanto, caribenhos oriundos das Índias Ocidentais e africanos de variadas localidades continentais, muitos dos quais se tornaram intelectuais proeminentes no pós-Guerra, gravitaram em direção aos campos da antropologia, literatura e da história em número crescente nas décadas anteriores à descolonização². Tornaram-se interlocutores críticos, embora amplamente esquecidos e silenciados, no desenvolvimento dos estudos coloniais e nas propostas coloniais dos governos coloniais britânico e francês, desde as década de 1930³. Suas intervenções foram possíveis diante das novas oportunidades educacionais, ainda que limitadas, para estudantes das colônias. Estas oportunidades foram aproveitadas muitas das vezes sob relações conflituosas, mas intelectualmente estimulantes, entre as escolas dominantes de pensamento nas ciências sociais e humanas na Grã-Bretanha e a intelectualidade negra anticolonialista.

A intelectualidade negra soube aproveitar estas oportunidades travando debates com os “especialistas” nos assuntos coloniais, ao passo que reivindicavam paulatinamente a posição de observadores legítimos e mais qualificados para o estudo, análise e interpretação do passado e

² Jomo Kenyatta, por exemplo, foi orientando de Malinowski na London School of Economics a partir de 1934, após ter deixado a União Soviética. Nandi Azikiwe, passou por Londres depois de concluir parte de seus estudos na Lincoln University, nos Estados Unidos, na primeira metade da década de 1930; Eric Williams, recebeu uma bolsa de estudos para estudar história em St Catherine's College, Oxford, em 1932, tendo alcançado ótimo desempenho acadêmico; Leopold Sedar Senghor, chega a Paris em 1928 para estudar literatura na Sorbonne, tornando-se o primeiro africano a completar uma licenciatura nessa universidade parisiense.

³ A França, por exemplo, cria em 1917, o Comité d'Etudes Historiques et Scientifique de l'AOF, e em 1938, o Institut Français d'Afrique Noire, sediado em Dacar.

da atualidade dos territórios coloniais africanos ou caribenhos. Mesmo em casos excepcionais, no entanto, as mesmas hierarquias que caracterizaram o domínio colonial marcaram suas interações com antropólogos e historiadores brancos na metrópole. Intelectuais oriundos das colônias enfrentaram dificuldades significativas na produção e divulgação de seu trabalho, bem como no reconhecimento, não tendo sido poucas as vezes que estas dificuldades estiveram relacionadas a escassez – ou veto – de financiamento ou racismo.

De maneira geral a historiografia sobre o continente africano produzida por intelectuais africanos pode ser identificada a partir da década de 1950, com as publicações de Kenneth Onwuka Dike, *Trade and politics in the Niger Delta 1830-1885: an introduction to the economic and political history of Nigeria*, produzida em julho de 1950, como tese de doutorado na King's College sob a orientação de Vincent T. Harlow e Gerald S. Graham, e publicada seis anos mais tarde pela Oxford Press University; e de Cheikh Anta Diop, *L'Afrique noire précoloniale: étude comparée des systèmes politiques et sociaux de l'Europe et de l'Afrique noire de l'Antiquité à la formation des Etats modernes*, defendida em janeiro de 1960, na Universidade Paris-Sorbonne, sob a orientação de André Leroi-Gourhan e Doyen André Aymard, e publicada no mesmo ano, pela editora *Présence Africaine* (BRITO, 2017, p. 139). As respectivas publicações deram sequência a outras pesquisas que foram fundamentais na formação tanto da escola de Ibadan⁴, na Nigéria, quanto na escola de Dacar⁵, no Senegal.

Entretanto, intelectuais da diáspora e africanos, desde a década de 1930 já desempenhavam papel central nas críticas à historiografia imperial e às tentativas de legitimar o domínio europeu nos territórios coloniais africanos. Ainda que marginalizados, estudantes oriundos da diáspora, aderiam aos protocolos das disciplinas e produziam críticas a historiadores e antropólogos, tanto no campo intelectual quanto no campo político. Em editorial do jornal da *West African Students Union*, de 1933, declarava-se que,

o objetivo da WASU não é apenas fortalecer o nacionalismo do Oeste africano... Mas também combater as falsas e exageradas visões oferecidas ao mundo por viajantes europeus desavisados, antropólogos, missionários, oficiais e produtores de filmes, que em benefício próprio e em prol do engrandecimento... das supostas dificuldades e

⁴ A *Oxford Press University*, em seguida, publicará outros livros relevantes para, a primeira geração, do que depois será chamado de historiografia africana, particularmente a versão nigeriana que se constituirá na Escola de Ibadã, nomeadamente, *The Egba and Their Neighbours*, de Saburi Oladeni Biobaku (1918–2001) e *Christiam Mission*, de Jacob Festus Adeniyi Ajayi (1929-2014).

⁵ A editora *Présence Africaine* também publicou posteriormente as obras, *Nations Nègres et Culture* (1955) e *L'unité culturelle de l'Afrique Noire* (1959), do mesmo autor, e ainda, *La Compagnie du Sénégal* (1958), de Abdoulaye Ly (1919-2013), e *Sundjata ou l'épopée Mandigue* (1960), de Tamsir Niane.

perigos que enfrentam diante de sua missão para com seus “Irmãos Africanos” (WASU, 1933, p. 1-2).

No início dos anos 1930, Nnamdi Azikiwe completou o mestrado em antropologia na Universidade da Pensilvânia, com dissertação sobre “Mitologia na Sociedade Onitsha”. Lembra Azikiwe: “Baseei-me na teoria popularizada pelo professor Malinowski e sua escola, que afirmava à época, que mitos e contos populares teriam valores funcionais em sociedades não letradas” (AZIKIWE, 1970, p. 156). Azikiwe referenciou suas conclusões através de imagens obtidas em trabalho de campo junto a sociedade Onitsha. Por ocasião de um ciclo de palestras, Malinowski estava nos Estados Unidos e pôde assistir a uma apresentação de Azikiwe intitulada “As origens do Estado”. Na ocasião o antropólogo convidou o estudante nigeriano para fazer parte da *Royal Anthropological Society* (AZIKIWE, 1970, p. 207). Diante de suas intenções de realizar trabalho de campo na Nigéria antes de seu retorno a Londres, na sequência do término de seus estudos nos Estados Unidos, no ano de 1934, Azikiwe solicitou uma bolsa do *International Institute of African Languages and Cultures* para apoiar seu trabalho etnográfico sobre os igbo no sul da Nigéria (AZIKIWE, 1970, p. 193). Tanto o departamento de educação da Nigéria quanto o instituto demonstraram intenções de conceder um prêmio a um intelectual africano e Azikiwe, por sua vez, procurava se aproveitar das recomendações feitas por Margery Perham e Malinowski.

Contudo, como observa Zachernuk, “mais do que seu intelecto, era o caráter de Azikiwe que estava em questão” (ZACHERNUK, 2000, p. 98). O comitê executivo do instituto inicialmente lhe concedeu financiamento para um ano de pesquisas em Londres, porém, logo mudou a decisão. A justificativa era de que Azikiwe teria comportamento demasiadamente “político”, o que levou a alguns avaliadores a duvidarem da capacidade de um africano realizar “objetivamente” pesquisas tal qual um europeu. Como desfecho deste imbróglio, o instituto informou-o de que, apesar de interessados em seu trabalho, não dispunham de recursos financeiros para apoiar seu projeto.

Outro caso semelhante foi o de Eric Williams, futuro primeiro-ministro de Trinidad. O autor teve problemas na aceitação de sua obra, hoje um clássico, *Capitalismo e Escravidão*, escrita no fim da década de 1930. A obra foi o resultado de sua pesquisa de doutorado, na Universidade de Oxford, que buscava compreender de que maneira a relação entre capitalismo e escravidão impactou crescimento econômico da Grã-Bretanha. Entretanto, ao focar nos

fatores econômicos do fim do Tráfico Atlântico e da abolição da escravidão negra no império britânico, afastou-se dos cânones de interpretação utilizados em Oxford, sobretudo por Reginald Coupland. O historiador britânico, além de seu orientador, era o responsável pelas pesquisas sobre a “História Imperial”. Coupland e seus seguidores propunham que o movimento abolicionista britânico se destacava pelo caráter liberal e pelo aspecto humanitário. Apesar de ser um trabalho que seguia à risca o padrão à época consagrado de uma tese acadêmica em história, sobretudo no que se refere ao encadeamento cronológico da narrativa e ao domínio exaustivo das fontes documentais, a obra só seria publicada, em 1944, seis anos após o término das pesquisas de doutorado de Eric Williams.

Estes episódios evidenciam o desequilíbrio de poder entre os intelectuais africanos e da diáspora e os “especialistas” europeus sobre os territórios coloniais. Este cenário certamente pode ser apontado como um elemento que contribuiu para retardar a consolidação de uma historiografia produzida por intelectuais africanos no século XX. Por outro lado, este racismo epistêmico e físico coexistiu com a politização dos intelectuais negros da diáspora e sua postura crítica tanto aos “especialistas” sobre o continente africano como ao colonialismo. E, para além de outros aspectos, certamente fortaleceu as experiências pautadas na articulação do aspecto racial e em sua unidade (ZACHERNUK, 2000, p. 98-99).

Segundo C.L.R. James, a formação histórica do Caribe anglófono – *West Indies* – foi propícia para a inovação cultural, artística, social e política. Possivelmente respondendo ao escritor V. S. Naipaul, James afirma que a “população nas Índias Ocidentais não possui uma civilização nativa. Esta população é essencialmente ocidentalizada e tem sido ocidentalizada por séculos” (JAMES, 1984, p. 97). Para James é exatamente nesta ausência [sic] que a potência dos caribenhos reside. Possuem uma modernidade distintiva formada também pelo internacionalismo e pela percepção a partir de uma escala reduzida – *smallness of scale*. Os caribenhos – *West Indians* – são “essencialmente um povo internacional [...] desta forma somos particularmente abertos” (JAMES, 1984, p. 143). A escala destas sociedades insulares contrastava com a da Grã-Bretanha e permitia que os caribenhos percebessem o mundo social de forma diferente. No Caribe – *West Indies* – era possível para o observador ou intelectual conhecer toda a sociedade, enquanto o trabalhador médio britânico conhecia apenas sua classe e seu território. Neste sentido, o Caribe era mais desenvolvido do que a Grã-Bretanha do ponto de vista de suas possibilidades epistemológicas. “Nós trouxemos isto [para a Grã-Bretanha] –

ao menos eu trouxe isto comigo, Padmore também – nós mantivemos um olhar para todas as coisas como um todo” (JAMES, 1984, p. 43).

A encruzilhada epistemológica: Internacionalismo negro e a Invasão da Etiópia

Segundo o escritor sul africano Peter Abrahams, “Londres era o ponto crítico de contato aonde ideias Pan-Africanas, socialistas e anticoloniais eram compartilhadas e ampliadas” (ABRAHAMS, 2000, p. 36); e segue seu relato mencionando sobre como ativistas e intelectuais das colônias “dividiam aulas, refeições, festas”, e nestes caminhos eles “se conheciam uns aos outros e a seus problemas intimamente e pessoalmente” (ABRAHAMS, 2000, p. 36). Eslanda Goode Robeson, esposa do cantor e astro do cinema Paul Robeson, ficou surpresa com as notícias sobre o continente africano em Londres. “Há notícias da África por toda parte: na imprensa, nas escolas, nos filmes, nas conversas. As pessoas inglesas são ativamente interessadas na economia e na política da África” (ROBENSON, 1945, p. 13). Quando esteve em Londres em 1935, de passagem rumo aos Estados Unidos, Kwame Nkrumah leu as manchetes sobre a invasão da Etiópia pelas tropas italianas de Mussolini. Nkrumah sentiu-se “como se toda Londres houvesse declarado guerra repentinamente a mim” (NKRUMAH, 1971, p. 27). A cidade de Londres recebeu o Imperador da Etiópia Haile Selassie, exilado. O Imperador etíope, ao chegar à estação de Waterloo em 1936, foi recebido por Una Marson que posteriormente o acompanhou até Genebra a fim de reivindicar junto à Liga das Nações medidas de “segurança coletiva”, em relação à Etiópia (MATERA & KENT, 2017, p. 85).

A cidade de Londres ao longo da década de 1930 abrigou uma miríade de causas vinculadas à libertação da África e de seus descendentes, articuladas sob bases transnacionais. O mesmo pode ser dito sobre Paris deste momento, em relação à presença de uma intelectualidade negra e seus fluxos. Este ambiente oferece elementos para que as análises sobre o *Harlem Renaissance*, por exemplo, bem como as articulações de intelectuais negros desta época – os *New Negroes* – sejam ampliadas para além do território norte-americano e ganhem contornos transnacionais. O *Harlem Renaissance*, portanto, poderia ser compreendido enquanto um dos desdobramentos do internacionalismo negro⁶ das décadas de 1920 e 1930, com ampla presença

⁶ Internacionalismo negro é aqui compreendido enquanto o conjunto de iniciativas anti-racistas e de combate às opressões sofridas pela população negra e africana perpetradas por negros e negras da diáspora, sob um olhar transnacional e conectado ao liberacionismo negro. O internacionalismo negro, de forma geral, referenda-se pelo

de intelectuais caribenhos. Desta forma, é possível compreender como a intelectualidade da diáspora negra renovou, não apenas a literatura e as artes, nos Estados Unidos, mas também realizou intervenções significativas no campo dos estudos coloniais nas grandes metrópoles. Londres ganhava destaque nas possibilidades de articulação dos indivíduos coloniais, sobretudo, pela percepção de que nesta cidade poderiam realizar muitas coisas impossíveis nas colônias. Ainda que a África estivesse ganhando centralidade enquanto território privilegiado ao combate do colonialismo, as metrópoles imperiais eram compreendidas enquanto locais estratégicos para a articulação desta luta⁷. O internacionalismo negro, portanto, criava a solidariedade transnacional entre continente africano e a diáspora negra. Não se pode compreender este internacionalismo sem levar em consideração seu caráter de encruzilhada, encontro de territórios dispersos e ideias diversas. George Padmore, T. Ras Makonnen, Jomo Kenyatta, Léopold Senghor, C.L.R. James, fizeram parte de uma geração de intelectuais negros que “presumiam ou talvez tenham compreendido que o projeto anti-imperial deveria estar centrado na metrópole” (ROBINSON, 2000, p. 262). Centrado, mas não restrito a elas. Como decorrência deste processo de luta anticolonial, críticas ao imperialismo britânico eram, também, realizadas desde suas formulações acadêmicas.

A presença de negros e negras oriundos da diáspora na capital do império britânico, na primeira metade do século XX, aponta para a possibilidade de se conhecer, ou revelar, novas leituras da sociedade britânica a partir do olhar daqueles que chegam. Bill Schwarz salienta a importância de se destacar os – *Reverse-shots* –, ou seja, os olhares daqueles que chegavam à metrópole *para* a metrópole. Olhares através dos quais se torna possível enxergar a partir das plataformas das estações de trem ou dos *piers* de navios, o amontoado de jornalistas e curiosos,

ideal de emancipação universal de negros e negras, podendo variar quanto a seu envolvimento com a causa anticolonial e anti-imperial. Este arranjo ganha força a partir da década de 1920, com o fim da Primeira Guerra Mundial conectando, inicialmente, metrópoles tais quais, Paris e Londres, sobretudo. Ainda que o termo não tenha ganhado grande uso à época, *internationalisme noir*, foi possivelmente utilizado a primeira vez pela escritora martiniquenha radicada na Paris da década de 1920, Jane Nardal (1900-1993). Referindo-se ao crescimento das conexões entre ‘negros [*Negroes*] de todas as origens e nacionalidade’ que compartilhavam ‘certo orgulho em ser negro [*black*]’ e, ao ‘retornarem à África, berço dos negros [*blacks*], reivindicam uma origem comum’. Neste sentido, por ter sido utilizado mais por analistas contemporâneos do que pelos envolvidos em suas articulações, refere-se a uma categoria explicativa que busca dar conta de uma série de iniciativas, entre as quais o Pan-Africanismo se destaca. Ver, EDWARDS, 2003.

⁷ Cabe reiterar que nem todas as metrópoles imperiais ofereciam condições de articulações anticoloniais como Londres e Paris, por exemplo. Como é o caso de Lisboa. Portugal foi palco principal de uma longa ditadura militar que chega ao poder na Revolução de 28 de maio de 1926, quando se instaurou o Estado Novo e que, sob o comando de Salazar, perdurou de 1933 até 1974, quando a Revolução dos Cravos pôs fim ao regime autoritário.

policiais e trabalhadores, todos os rostos brancos. Normalmente o que temos na historiografia são as fotografias ou imagens dos migrantes recém-chegados, aportando apreensivos e esperançosos. Olhares que compõem um conjunto de imagens formadoras de um arquivo social. Ao comentar sobre as fotografias destes imigrantes recém-chegados em solo britânico, Bill Schwarz propõe que o que se solidifica na memória social desta migração são as imagens dos caribenhos e caribenhas, e não as produzidas por eles e por elas. As câmeras estão voltadas para aqueles que chegam (SCHWARZ, 2003, p. 12).

No momento em que aportam e entram no campo de visão da metrópole, o foco é ajustado para fixá-los em uma nova categoria: *imigrantes*. A câmera, neste sentido, fixa e organiza o campo de visão dos britânicos, mas não o campo de visão dos caribenhos e caribenhas recém-chegadas. O cidadão médio britânico, branco, que caminha pela Trafalgar Square, que toma o chá da tarde e faz compras, não era normalmente tomado enquanto objeto deste processo. C.L.R. James, entretanto, acreditava que durante o encontro entre indivíduos coloniais do Caribe anglófono e os cidadãos britânicos brancos, estes últimos tiveram a chance de compreenderem-se dentro de um processo histórico mais amplo. A perspectiva de inverter o ângulo das câmeras apresenta-se numa proposta historiográfica mais global, pois, neste encontro é o migrante quem traz a impressão de: “já nos conhecemos antes” (LAMMING, 1984, p. 12). James aponta que os caribenhos de sua geração não tiveram apenas um papel central na descolonização do continente africano e do Caribe, mas também exerceram importantes mudanças na sociedade metropolitana de maneira que lhe imprimiram uma gradual descolonização epistêmica, sobretudo. Uma das principais preocupações de Padmore ao longo de sua trajetória era disputar narrativas sobre o colonialismo e imperialismo diante dos cidadãos metropolitanos, informando-os e sobre a luta colonial.

No ano de 1934, surge nos EUA o *Ethiopian Research Council*. Sob a direção do professor norte-americano Leo Hansberry, um dos fundadores junto de negros africanos e provenientes da diáspora negra. Este conselho tinha o objetivo de disseminar informações sobre a história, civilização e cultura, da Etiópia. Esta iniciativa aponta para o fortalecimento de uma rede transnacional formada por africanos e afrodescendentes, mas também indivíduos brancos implicados na divulgação científica sobre a África e seus habitantes. Estas iniciativas se relacionam com o “interesse sobre a África” deste contexto (DRAKE, 1996). Este conselho mantinha contatos com cidades da Etiópia, Grã-Bretanha, França, Itália e Antilhas.

Desempenhando papel de um escritório central, organizava e facilitava atitudes em favor da Etiópia. O que deve ser destacado nesta iniciativa é o escopo transnacional do conselho, formado por membros oriundos de diversos países – coloniais ou semicoloniais – que operavam num arranjo que visava promover ações de fortalecimento da memória histórica dos negros da diáspora, entendidos enquanto parte de uma mesma nação.

Um artigo publicado no *Chicago Defender*, importante periódico negro norte americano, por John W. Tate Jr. em 9 de dezembro de 1939, afirmava que, “O negro deve mesmo aprender a sua própria história se realmente deseja derrubar as cadeias do complexo de inferioridade que arrasta, ficar de pé e ser o homem que realmente é” (TATE JR., 1939, p. 15). O que estava em jogo para o autor do artigo, neste momento, seriam as possibilidades de se combater o racismo interno através da educação e de suas possibilidades de ascensão social. O interesse pela África, ainda que conectado com a percepção de uma identidade transnacional, correspondia, sobretudo, a uma forma de se combater a segregação racial e o racismo no país.

Em 1935, entretanto, um acontecimento teria grande impacto no internacionalismo negro e traria mudanças nas lutas anticoloniais e na defesa da soberania africana. Até então, o internacionalismo negro preocupava-se, para além da soberania da Libéria, e do caso específico do Haiti⁸, em fomentar uma memória histórica de lutas da Etiópia em função de seu passado. Após a ameaça de invasão da Etiópia pelas forças fascistas de Mussolini, seu foco seria o da construção de uma rede de defesa e apoio à Etiópia, o que se desdobrará em uma ideologia Pan-Africana de combate ao colonialismo e imperialismo. Este momento será marcado pela profusão de iniciativas de grupos, conselhos, organizações interessadas em combater o colonialismo através da pesquisa e divulgação histórica sobre a Etiópia⁹. O verbete de Walter C. Daniel sobre o jornal *The African*, em obra sobre periódicos e jornais dos Estados Unidos, introduz a história do *Ethiopian World Federation* e sua publicação *Voice of Ethiopia*,

⁸ As críticas que Padmore lançou sobre as pretensões imperialistas dos Estados Unidos sobre a Libéria e do Haiti podem ser acessadas em uma série de artigos publicados em Moscou pelo *Red International Labour Union*, desde 1931, *American Imperialism Enslaves Liberia*; *Labour Imperialism in East Africa*; *Africa, the Land of Forced Labour*; e *Haiti, an American Slave Colony*.

⁹ Em 1937 surge a Universal Ethiopian Student Association e a publicação associada ao grupo, *The African: Journal of African Affairs* (1937-1948). Os historiadores Joseph Harris e Ibrahim Sundiata mencionaram o grupo e suas produções em suas pesquisas, porém esta organização permanece pouco estudada. Do que pude reunir em minhas pesquisas a organização foi formada após a invasão da Etiópia, em Nova Iorque. Teve como membros John Henrik Clarke, David Talbot (jornalista, e amigo de T. Ras Makonnen), e o historiador Willis Huggins. Também mantiveram relação de proximidade com o grupo George Schyuler e Amy Jacques Garvey, apontando para a tênue linha divisória entre intelectualidade, pesquisadores e militância neste contexto.

menciona que lideranças africanas estabeleceram uma rede de comunicações nos Estados Unidos após a invasão da Etiópia pela Itália de Mussolini e afirma,

A agitação criada por estes africanos nativos potencializou o surgimento de diversas organizações e publicações que convocavam americanos e o restante do mundo democrático a salvar a Etiópia [...] e à medida que sua influência se ampliava pesquisadores negros e ativistas debatiam e escreviam sobre as aspirações do povo negro através do continente africano e do Caribe. O *The African* era um dos jornais sob esta orientação (DANIEL, 1982, p. 12-16).

Outras organizações prestaram ajuda moral e material aos etíopes. Esta forma de auxílio dos africanos e de seus descendentes da diáspora foi mais significativa que a ajuda militar. Criaram-se nos Estados Unidos, com o aval dos embaixadores etíopes em Londres e Paris, a *Friends of Ethiopia*, criada pelo professor afro-americano, Willis Huggins. A FOA abriu escritórios em 106 cidades, distribuídas em dezenove estados dos Estados Unidos. O *Medical Comittee for the Defense of Ethiopia*, formado por médicos negros provenientes das Antilhas e dos Estados Unidos, disponibilizou um navio carregado com medicamentos para os combatentes etíopes. Materiais de propaganda em apoio aos etíopes foram distribuídos por grupos na Jamaica, Trinidad e Tobago, Panamá, Barbados, Santa Lucia (MATTOS, 2014). Iniciativas que, ainda que desvinculadas de um caráter político mais estrito, pois centradas na ajuda humanitária mais imediata, devem ser consideradas dentro do escopo transnacional e internacionalista da intelectualidade negra na primeira metade do século XX. Sem contar as possibilidades de trocas e cruzamentos das ideias políticas.

George Padmore e C.L.R. James estiveram à frente da criação de uma organização inserida no contexto de disputas pela soberania da Etiópia. Emerge neste momento uma narrativa de libertação que enxergava o continente – e o *topos* – africano enquanto encruzilhada das lutas globais contra o fascismo, colonialismo, imperialismo e capitalismo. Neste momento a ideologia Pan-Africana ganha contornos diferentes daqueles presentes nos encontros organizados por W.E.B. Du Bois, desde o início do século. A partir da crise da Abissínia, como a região etíope também era conhecida, são formuladas elucubrações teóricas referentes às lutas anticoloniais que irão marcar o Pan-Africanismo do período entreguerras. Seu contato com categorias marxistas é operado, sobretudo, através de Padmore e C.L.R. James. Neste contexto é formado o *International African Friends of Ethiopia* – mas também conhecido como *International African Friends of Abyssinia* – que posteriormente dará origem ao *International African Service Bureau*, responsável pela produção de conhecimento anticolonial a partir de

um ponto de vista que se autoneia *internacional* e *africano*. O IASB irá publicar um periódico chamado *International African Opinion*, entre 1938 e 1939, que seria editado por C.L.R. James.

Os preparativos para a invasão da Etiópia por parte da Itália fascista de Mussolini colocaram a Abissínia em evidência em escala global e para um público que ultrapassava os limites acadêmicos. Como bem notou Claude McKay em seu livro sobre a história do Harlem, este momento representa um aumento nas identificações de negros da diáspora enquanto africanos. Segundo o autor, “emocionalmente, para as massas da Igreja Negra a Etiópia de hoje é a Etiópia maravilhosa da Bíblia. Em seu sentido religioso isto é muito mais real para eles do que a África do Oeste, de onde se assume que vieram os ancestrais dos afroamericanos” (McKAY, 1968, p. 176). Jomo Kenyatta, futuro primeiro-ministro (1963-1964) e presidente do Quênia (1964-1978), afirmou que a Abissínia seria a “reliquia remanescente da grandeza do que a África uma vez fora” (KENYATTA, 1935, p. 536). A crise da Abissínia e as iniciativas em sua defesa fomentaram também a produção de teorias de libertação e críticas à Terceira Internacional comunista, por exemplo. Tanto Padmore quanto James criticaram largamente o Comunismo Internacional e Stálin por abandonarem a Abissínia e não aproveitarem da intensa mobilização criada em torno do caso. Christian Hogsbjerg, ao referir-se à ideologia política desenvolvida por C.L.R. James neste período se utiliza da expressão “Pan-Africanismo de luta de classes” (HOGSBJERG, 2014, p. 67).

Segundo Frank Furedi,

A resposta da diáspora negra à invasão italiana da Etiópia mostrou de uma só vez a intensidade do ressentimento em relação à dominação imperialista e a aspiração por liberdade. A Etiópia se tornou um símbolo de independência do controle Ocidental sobre as colônias, e sua reação à invasão revelou uma profunda paixão que pegou todos de surpresa. Ao redor da África, América Negra e Caribe, a invasão se tornou *cause célèbre*. O aspecto único desta resposta foi seu caráter generalizado. Esta foi provavelmente o primeiro exemplo de uma reação global Terceiro Mundista em relação a uma intervenção do Ocidente (FUREDI, 1994, p. 23).

Desde a década de 1920 que o internacionalismo negro direcionava seus esforços para a construção de narrativas anticoloniais percebidas sob uma ótica global e transnacional. A década de 1930, portanto, é decisiva tanto na história dos Impérios europeus quanto na consolidação de um discurso intelectual anticolonial e anti-imperial que reivindicava paulatinamente seu lugar na academia. Intelectuais negros elaboram críticas aos modelos coloniais europeus e atingindo suas bases políticas, administrativas, epistemológicas e sociais.

Tanto o anticolonialismo quanto o Pan-Africanismo – ambos percebidos em suas dimensões epistêmicas e políticas – liderados por Padmore e James irão ocupar espaço central nas agitações sobre a Etiópia através de um vocabulário político original. A invasão da Etiópia reforça as críticas às instâncias institucionais brancas ocidentais sobre os limites da soberania mundial e sobre o que seria o real sentido do imperialismo. A Itália estava invadindo um país soberano, membro da Liga das Nações e resguardado por acordos internacionais de segurança coletiva. Esta crise reforça as críticas sobre a Liga das Nações enquanto instituição mediadora dos conflitos internacionais e reforça as conclusões sobre a guerra colonial empregada contra os negros e o continente africano. Além da Liga das Nações, a União Soviética foi duramente criticada por Padmore e C.L.R. James, por continuar a vender petróleo à Itália (SRIVASTAVA, 2018). As críticas sobre a dicotomia bárbaro/civilizado, e sobre a missão civilizatória do Imperialismo europeu se locupletam nas críticas do teor racista do Imperialismo e, portanto, nas discussões sobre a importância de se considerar a questão racial junto aos conflitos de classe. A crise da Etiópia é uma encruzilhada que consolida uma solução anticolonial e um olhar transnacionais, que ampliam tanto o território quanto as identidades africanas.

O International African Friends of Ethiopia

Foi a partir da diáspora negra – mais especificamente nas metrópoles coloniais tais como Londres e Paris – que caribenhos e africanos começaram a pensar e atuar em termos políticos concretos na direção da construção de uma unidade racial entre si (EDWARDS, 2003). T. Ras Makonnen afirma que os

africanos não eram apenas compelidos a pensar de forma *deslocada* em relação a seus povos, mas eram forçados pelas pressões do momento a fazerem alianças que ultrapassavam as fronteiras e limites e que seriam impensadas em suas terras natais (MAKONNEN, 1973, p. 175).

Os posicionamentos de C.L.R. James em relação ao continente africano e sua centralidade na luta dos trabalhadores foram amplamente influenciados por Amy Ashwood Garvey, uma militante e intelectual muito ativa e reconhecida entre a comunidade negra na Inglaterra e na Diáspora Negra. Amy Ashwood Garvey havia sido casada com Marcus Garvey, mas observava a luta em prol da libertação do povo negro por outro prisma, mais afastado de Garvey e mais próximo de uma identidade africana. Ela divorciou-se do líder jamaicano em

1922. Já na década de 1920, a intelectual teve importante participação na UNIA e foi muito próxima de Ladipo Solanke, estudante nigeriano que seria um dos fundadores da WASU, quando se mudou para Londres, em 1924. Posteriormente, década de 1950, ela partiria em busca de seus ancestrais no povoado de Juaben, em Gana (ADI & SHERWOOD, 2003, p. 69).

Na década de 1930, Amy morava em cima de seu restaurante, o *International Afro-Restaurant*, no número 62, New Oxford Road. O local era um importante ponto de encontro de imigrantes negros, e junto com o salão social *Florence Mills*, que também era um de seus empreendimentos, concentravam ativistas anticoloniais negros de toda parte. Segundo T. Ras Makonnen, o *Florence Mills* era um local no qual, “após ter passado duas ou três horas no Hyde Park [...] se poderia ter uma bela refeição, dançar e divertir-se” (MAKONNEN, 1973, p. 130). C.L.R. James, frequentador assíduo do *Florence Mills*, considerava Amy Garvey “uma das mais brilhantes mulheres que já conheci” (MARTIN, 2007, p. 144).

O *Florence Mills*, estabelecimento localizado em uma esquina, proporcionava um ambiente de encontros e fluxo de pessoas. O local era uma *ágora*, ou melhor, uma encruzilhada, para os ativistas e intelectuais anti-imperialistas e anticoloniais negros. Neste local, era possível conviver com seus semelhantes negros, longe dos olhares dos cidadãos britânicos brancos, além de conspirar contra o colonialismo. Amy Garvey comandava e promovia a efervescência de uma *ilha* capaz de tornar o dia a dia dos ativistas negros mais ameno e fraterno. Quando teve início a invasão da Etiópia pelo exército de Mussolini, em 1935, foi neste restaurante que C.L.R. James e Amy Ashwood Garvey fundaram o *International African Friends of Ethiopia*, em julho de 1935.

Outra figura de grande importância nos meios intelectuais Pan-africanistas de Londres, o guianês George Thomas Nathaniel Griffith, que mudara seu nome para T. Ras Makonnen, também abriu e administrou restaurantes e clubes, que serviam à causa dos negros e dos trabalhadores. Nestes estabelecimentos, os negros, dentre eles futuros dirigentes africanos ou caribenhos, também encontravam espaço para debates e conseguiam trabalho para custear seus estudos. Desde os Estados Unidos, país no qual estudara, Makonnen estabelecia importantes laços com intelectuais negros habitantes da Grã-Bretanha. Juntamente com o médico Peter Milliard, também guianês, Jomo Kenyatta e George Padmore, criou a *Pan-African Publishing Company*, que era responsável pela publicação do periódico *Pan-Africa*. Estes estabelecimentos, entre eles uma livraria chamada *Economist*, criavam uma rede que

possibilitava e facilitava a reunião de intelectuais anticolonialistas africanos e descendentes de africanos e a difusão de suas ideias (MAKONNEN, 1973). Espaços como estes não devem ser subestimados em sua importância diante de uma comunidade de imigrantes exilados de sua terra natal, familiares e costumes.

O IAFE pretendia “auxiliar por todos os meios a seu alcance, na manutenção da integridade territorial e independência política da Abissínia” (MATERA, 2015, p. 69). Jomo Kenyatta, membro do IAFE, escreveu no jornal do Partido Comunista Britânico, o *Labour Monthly*, que a Etiópia seria “o único país independente que por obra do imperialismo, com sua avidez por explorar economicamente campos e pastos, está sendo posto nesta grande crise internacional”. Segue afirmando contundentemente que, “apoiar a Etiópia é lutar contra o fascismo” (KENYATTA, 1935, p. 532). Este clamor que era compartilhado de maneira geral através da diáspora negra foi captado pela organização baseada em Londres. Movimentos anticoloniais na Costa do Ouro, Nigéria, Serra Leoa enxergavam a invasão da Itália à Etiópia enquanto a prova da inconsistência da Liga das Nações e reafirmaram os sentimentos de que a África seria para as potências europeias um local destinado ao avanço dos Impérios coloniais e mercados. A sensação compartilhada entre os movimentos anticoloniais espalhados pela diáspora era de que “a guerra na Abissínia é a nossa guerra” (LANGLEY, 1973, p. 326).

C.L.R. James e Amy Garvey souberam captar os movimentos anticoloniais e anti-imperialista da diáspora, coordená-los e canalizá-los em apoio à Etiópia. A integridade e independência da Abissínia significavam muito em um momento em que se disputava a soberania sobre o continente africano e a luta por liberdade do jugo colonial. O ataque à Etiópia consolidou o que já vinha se desenhando no interior do pensamento radical negro, que o imperialismo operava uma guerra racial contra os negros. A Abissínia torna-se, desta maneira, a causa primordial de todos os negros dispersos na diáspora. Esta percepção por parte de James e daqueles que formaram o *International African Friends of Ethiopia* deve ser vista enquanto algo central na consolidação do continente africano enquanto território a ser disputado politicamente, mas também num território fundamental do ponto de vista epistemológico. Se antes os ativistas caribenhos na Grã-Bretanha lutavam mais intensamente pelo autogoverno e pela formação de uma federação no Caribe e não pela libertação do continente africano, com o ataque à Etiópia e as iniciativas coordenadas de Londres, este cenário se modifica. Em um ato na Trafalgar Square, em 1935, Amy Garvey irá delcarar:

nenhuma raça é tão nobre em perdoar, mas neste momento já é hora de nossa completa emancipação [...] Vocês falam do ‘Fardo do Homem Branco’ [*The White Man’s Burden*], [...] agora somos nós [...] parados entre vocês e o fascismo (MATERA & KENT, 2017, p. 85).

Paul Robeson ao aguardar sua esposa Eslanda em uma plataforma de trens em Berlim, em 1934, relatou que foi rodeado por policiais nazistas. Robeson imediatamente identificou esta situação com o cenário segregacionista do regime Jim Crow, no sul dos Estados Unidos. Em diálogo com sua amiga, a crítica de cinema britânica Marie Seton, Robeson relatou que, “isto é como no Mississippi [...] É assim que um linchamento se inicia. Se um de nós se mexe ou demonstra medo, eles avançam. Devemos nos manter com a cabeça erguida” (BOURNE, 2010, p. 130). George Padmore também passou por esta experiência quando de sua prisão pelas tropas nazistas em 1933, em Hamburgo. Padmore reagiu com um texto publicado no *Negro Worker* intitulado *Fascist Terror against Negroes in Germany*, no qual comparava a violência de cunho racista dos nazistas com o tratamento dado pela polícia aos jovens negros de Scottsboro. Padmore alertava que,

muitos negros na Europa e na América, assim como nas colônias, ainda não compreenderam satisfatoriamente que o fascismo é o maior perigo que ameaça, não apenas os trabalhadores brancos, mas é ainda mais hostil contra a raça negra (PADMORE, 1933, p. 1).

As percepções sobre a questão racial e como isto incidia nas opressões foi uma constante nas produções de George Padmore e C.L.R. James ao longo de suas trajetórias. É fundamental colocar estes intelectuais no rol daqueles que produziram *insights* epistêmicos originais e que, somente devido ao epistemicídio perpetrado contra negros e negras, foram silenciados através da escrita da história e das ciências humanas. As percepções de Paul Robeson, Padmore e tantos outros neste contexto, dão conta de perceber as articulações estruturais do racismo através do mundo, bem como aproximaram as experiências fascistas na Europa do regime Jim Crow nos Estados Unidos da década de 1930. Encruzilhadas que colocavam o internacionalismo negro na linha de frente ao combate ao fascismo e imperialismo.

C.L.R. James relata que apenas na Inglaterra aprendeu a romper com as limitações herdadas de seu ambiente. Em sua chegada à Inglaterra, em 1932, James defendia a autonomia e o autogoverno do Caribe anglófono, e não sua independência completa. Para ele o Caribe era composto por um povo *moderno* em comparação com os povos colonizados na África e na Índia, o que, segundo o intelectual, habilitaria o Caribe a adquirir o autogoverno. “Não existe

hoje nestas colônias nenhum conflito entre as ideias recentemente assimiladas da democracia moderna e antigos hábitos baseados na organização tribal ou no sistema de casta” (JAMES, 2014, p. 50).

Nas articulações de Padmore com Garan Kouyaté em seus últimos anos de vínculo com o Comunismo Internacional, ambos estavam interessados em construir instâncias que dessem conta de produzir conhecimento sobre o colonialismo e as lutas anticoloniais através de uma imprensa negra internacional tendo em vista a intervenção política no continente africano. Neste sentido, deve-se atentar para o número de obras publicadas durante o período em que Padmore e C.L.R. James, atuaram no IASB.

James escreveu os livros, *Jacobinos Negros, A History of Negro Revolt, World Revolution*, e uma peça de teatro sobre Toussaint L’Ouverture, na qual Paul Robeson atuou como protagonista numa montagem em Londres, em 1936. Obras que buscaram propor um arcabouço teórico para as lutas anticoloniais rumo à Revolução. A produção intelectual de James durante seu vínculo com o IASB e sua estadia em Londres significou, também, uma complexificação da questão racial em suas análises sobre o imperialismo e de sua crítica marxista. Ao avaliar as falhas de Toussaint L’Ouverture na sequência da reconquista da ilha, em *Jacobinos Negros*, sugeria que “sua falha foi a falha da ilustração [*enlightenment*], e não da escuridão [*darkness*]” (JAMES, 1938, p. 197-198). Já Dessalines, “conseguia vislumbrar clara e simplesmente” (JAMES, 1938, p. 239-240), o caminho para a emancipação completa, porque “os laços que vinculavam este soldado sem educação à civilização francesa eram mais tênues” (JAMES, 1938, p. 288). Assim como Toussaint L’Ouverture, que recebeu educação e treinamento dos colonizadores franceses e se portava de certa forma dentro dos padrões da ilustração ocidental, os indivíduos da elite caribenha também recebiam uma educação britânica.

O impacto da diáspora e de seus cruzamentos e caminhos foi tão forte para James durante sua estadia em Londres que, em um apêndice adicionado ao livro em 1963, afirma que os caribenhos “sempre foram educados nos padrões ocidentais” (JAMES, 1963, p. 402), e consequentemente confinados “a uma faixa territorial muito estreita” (JAMES, 1963, p. 402). A saída para emancipação, portanto, era romper com estes limites e partir alhures, se descolonizar epistemicamente. A diáspora negra e os encontros por ela proporcionados providenciariam o segundo passo para a libertação: “livrar-se dos estigmas de que tudo aquilo

que é africano é inferior e degradado. O caminho para a identidade nacional das Índias Ocidentais encontra-se na África” (JAMES, 1963, p. 402).

Esta afirmação de C.L.R. James não deve ser compreendida enquanto um clamor nacionalista ou um direcionamento essencialista rumo a uma identidade africana ancestral. Esta afirmação reside na sua compreensão do momento presente das lutas por emancipação dos negros do colonialismo e do imperialismo e das lutas dos trabalhadores contra o capitalismo e contra o racismo. A consciência racial ancorada nos fluxos da diáspora negra era fundamental para a libertação colonial, pois, reposicionava o continente africano no centro da luta internacional, lançava novas luzes sobre a luta de classes, a natureza do capitalismo e as estruturas raciais específicas às quais os negros foram submetidos ao longo da história. James propunha enquanto teoria para a Revolução Africana, que a força das lutas populares deveria ser valorizada e a centralidade do território africano observada. A luta não deveria ser esperada dos doutores, advogados ou intelectuais, mas “dentre os recrutas na força policial negra, no sargento do exército francês dos nativos, na polícia britânica (...) lendo um panfleto de Lênin ou Trotsky, como fez Toussaint, ao ler Abade Raynal” (MAKALANI, 2011, p. 223).

Padmore, por sua vez, escreveu, em 1936, *How Britains Rules Africa*, a fim de conter e buscar reposicionar a política colonial do Labour Party para rumos mais progressistas; e no ano seguinte, *Africa and World Peace*, que buscava apresentar as possibilidades de uma Revolução Social proletária mediante o problema do “capitalismo, em seu estágio imperialista”, “na atual encruzilhada entre fascismo e socialismo” (PADMORE, 1937, p. 8). Publicou também diversos artigos em periódicos tais como, *African Sentinel* e *International African Opinion*, escreveu os panfletos *The West Indies To-day*, *Hands off Protectorates*, *Kenya, Land of Conflict*, *African Empires and Civilization*, *The Negro in the Caribbean* e, *White Man's Duty*, um diálogo filosófico entre Padmore e Nancy Cunard.

Diferente de C.L.R. James, Padmore emigra para os Estados Unidos, em 1924, a fim de adquirir uma profissão que o habilitasse a seguir com sua vida em família em Trinidad e Tobago. Ainda chamando-se Ivan Meredith Nurse, emigra inicialmente para cursar a universidade de Fisk, em seguida de seu casamento com Julia Semper, que estava grávida. Não é demais conjecturar sobre as expectativas que recaíam sobre Malcom Ivan Meredith Nurse, membro de uma família negra de classe média de Trinidad, recém-casado e prestes a ser um “chefe de família”. Malcom Nurse tornou-se George Padmore, como forma de se proteger da

perseguição anticomunista e racista em solo norte americano. Este exílio – inclusive psicológico – o transformou e radicalizou sua atividade política em meio ao contexto fortemente marcado pelo racismo antinegro dos Estados Unidos. Contexto marcado pela crítica de intelectuais negros, sobretudo afro americanos, aos Partidos Socialista e Comunista dos Estados Unidos, em meados da década de 1920.

Já C.L.R. James emigra diretamente para a Inglaterra com um romance em suas mãos buscando colocar-se no mercado literário da metrópole. James buscava percorrer a metrópole britânica em busca de espaço na literatura e posicionamento nos meios intelectuais britânicos. Também membro de uma família de classe média de Trinidad, ambos se conheciam desde a infância. Não é demais reforçar que James saía do Caribe em busca de algo que ele acreditava ser de seu pertencimento. James relatou sua chegada em Londres enquanto o caso de “um intelectual britânico... indo para Grã-Bretanha” (JAMES, 2013, p. 111). Na cidade de Londres o reencontro destes intelectuais foi potencializado e tornou-se muito produtivo politicamente. C.L.R. James, em sua relação mais teórica e acadêmica, propôs críticas importantes ao marxismo, ao Ocidente e ao colonialismo, por exemplo. Padmore, por sua vez, soube articular e ampliar suas reflexões e críticas no contato com as ideias de James, e atuar na direção de um movimento político organizado e coeso.

A Invasão da Etiópia e a Revolução Africana

Quando escreveu sua obra mais conhecida, *Os Jacobinos Negros*, em 1938, C.L.R. James o fez com os olhos nos levantes de trabalhadores que ocorriam no Caribe anglófono de maneira a estimular a emancipação na África. O que os anos em Londres fizeram com James foi questionar a modernidade do povo caribenho. Se anteriormente ele acreditava que esta condição moderna legitimava e, portanto, justificaria a adoção do autogoverno no Caribe, sua estadia na metrópole o leva a questionar esta modernidade que passará a ser enxergada, ao contrário, enquanto um aspecto que limitava o potencial revolucionário do Caribe. James, um dos mais brilhantes intelectuais do século XX, passa então a referir-se ao continente africano enquanto o local no qual a Revolução seria processada e passa, entretanto, a identificar no Caribe os limites impostos por sua proximidade ao pensamento Ocidental. James permaneceria

fora do Caribe por mais vinte e seis anos, apostando nas articulações com foco na Revolução a partir do continente africano.

Em 1936, em debate ocorrido na sede da *West African Students Union* sobre as vantagens da união entre caribenhos e africanos muito foi dito pelos estudantes africanos sobre a arrogância dos caribenhos em relação a eles. Os estudantes africanos teceram críticas no que percebiam enquanto um desejo dos caribenhos em imitar os brancos e em “sua ignorância sobre as culturas ancestrais (...) e sua cegueira para as vantagens da cooperação mútua” (THE KEYS, 1936, p. 16). O saldo do debate foi positivo e James entendeu os pontos levantados naquela noite que sinalizavam que os caribenhos deveriam cessar “com a propaganda anti-africana presente em seu sistema educacional” e restabelecer “contatos com a civilização com a qual eles possuem raízes” (THE KEYS, 1936, p. 16). Anos mais tarde James reconheceria: “Gradualmente eu comecei a formar, na Inglaterra, uma concepção do povo negro que eu não possuía quando eu deixei o Caribe” (JAMES, 2000, p. 69).

James conviveu e militou ao lado de jovens negros africanos que estudavam direito, história, antropologia e isto foi fundamental para que o intelectual caribenho reformulasse sua percepção sobre o continente africano e sobre como o colonialismo atuava epistemologicamente. A escolha do nome da instituição formada por James não é fortuita, *International African Friends of Ethiopia*. O continente africano passaria a ser compreendido enquanto foco da luta revolucionária radical e com isso, torna-se mais complexo, do ponto de vista das percepções sobre a sua modernidade. A questão colonial figura no pensamento de James enquanto a categoria que lhe permitiria teorizar sobre a libertação. Para James, a modernidade ordenaria a vida social a partir de pressupostos europeus (JAMES, 1984, p. 219). Era necessário, portanto, apresentar pressupostos e opiniões *africanas* frente a esta lógica de opressão e exploração. A esta epistemologia descolonizada se seguiria uma prática descolonizadora e anti-imperial.

George Padmore e C.L.R. James tiveram em Londres, a oportunidade de passar a observar a África de outra maneira. Não apenas isso, a articulação de ambos possibilitou que esta nova forma de observar a África fosse sistematizada teoricamente e transformada em uma ideologia adotada por organizações e lideranças coloniais a fim de conduzir o continente à Revolução. Deve ser levado em consideração, contudo, que ainda que o anticolonialismo de ambos tenha atualizado suas percepções sobre a modernidade, seguirão apontando caminhos

para a modernização do continente africano e de seus costumes ‘tribais’. Longe de romperem com uma definição de modernidade marcada pelo *progresso* em oposição ao *atraso*, e com fortes referências à cultura ocidental branca, puderam encontrar frestas e brechas nesta concepção de modernidade ao formular a sua própria. Este movimento possibilitou que realizassem críticas e operações epistemológicas inovadoras e complexas. George Padmore, em 1936, considerava que o colonialismo era uma força anti-moderna, “um sistema de atraso social, retardando o desenvolvimento econômico da África, e o progresso cultural dos africanos” (PADMORE, 1936, p. 387). A visão sobre modernidade de ambos dialogava criticamente com uma visão anterior comum entre intelectuais negros que considerava que a adesão ao projeto de modernidade das nações brancas ocidentais – educação, vestuário, técnica, democracia liberal, etc. – os tornaria semelhantes aos indivíduos brancos ocidentais. Contudo, em 1945, Padmore admitiria que o “ideal a ser seguido seria a democracia parlamentar sob o regime da lei combinada com o planejamento econômico soviético sob o comando do Estado”, ao conversar com W.E.B. Du Bois sobre um “caminho do meio” para a África (PADMORE, 1945a). Este posicionamento, que aponta para sua precoce percepção do clima de Guerra Fria no pós-Segunda Guerra, não deve mitigar que, para Padmore, a modernidade africana só seria alcançada com o fim do capitalismo, do racismo e do imperialismo, componentes da modernidade ocidental.

A dinâmica internacional, já na década de 1930, apresentava, segundo Padmore, um cenário bipolar. Não seria um cenário caracterizado de maneira cristalina pela divisão entre socialistas e capitalistas. Em artigo no *The Crisis*, em 1935, Padmore afirmava que a Europa desde a Primeira Guerra Mundial estaria dividida entre um bloco pró-Versalhes e outro anti-Versalhes (THE CRISIS, 1935, p. 135). Esta divisão, marcada pelo Tratado de Versalhes e suas decorrências contra a Alemanha, estaria pautando os conflitos territoriais mundiais como no caso da Etiópia. Esta divisão dava-se entre, de um lado, os países fascistas, e de outro, países imperialistas. Desta maneira Padmore justificava a necessidade de se construir uma alternativa *africana* a este presente cenário. Uma alternativa anti-imperialista e antifascista que disputasse espaço político internacional. Um ano antes, em 1934, Padmore havia rompido com o projeto internacional do Comintern e com a União Soviética. Nas páginas do *Negro Worker*, jornal do *International Trade Union Committee of Negro Workers*, organização vinculada ao Comintern,

escreveu artigos que buscavam mobilizar os trabalhadores negros em prol da defesa do Estado Soviético diante das ameaças da Guerra Imperialista contra a Rússia Comunista.

Em 1935, entretanto, Padmore entendia que a União Soviética havia emergido da Primeira Guerra,

enquanto um novo modelo de estado, uma Ditadura do Proletariado ou Governo dos Trabalhadores. Desta forma, seus primeiros líderes, Lênin e Trotsky, recusavam-se a compor alianças ou arranjos diplomáticos com estados capitalistas. Enquanto os imperialistas enxergavam o mundo enquanto dividido entre dois campos – Versailles e Anti-Versailles, os líderes Soviéticos enxergavam o mundo dividido entre dois diferentes tipos de campos – o campo Imperialista, e o campo Anti-Imperialista, representado pela União Soviética. Isto caracteriza a história inicial da política internacional da Rússia. Porém, desde a derrota do movimento revolucionário na Alemanha e na Europa Central, resultante na ascensão do Hitlerismo por um lado, e na ameaça de Guerra no Ocidente por outro, os atuais líderes Soviéticos mudaram a política internacional, demonstrando que já não mais acreditam na capacidade dos trabalhadores da Europa e da América em defender a Rússia caso seja atacada (PADMORE, 1935, p. 138).

Padmore assim aumentava o tom de suas críticas e buscava disputar espaço político propondo uma Internacional Negra que se opusesse ao Imperialismo, ao Fascismo, mas também aos campos capitalista e o Comunista Soviético. Com Stálin a frente da União Soviética e a mudança de sua política externa, outro grande modelo internacionalista de Estado deveria ser apresentado. Outra maneira de se promover a Revolução e se chegar à modernidade africana deveria ser construída.

Ao se repensar o período entreguerras à luz do internacionalismo negro, e das conclusões de Padmore sobre o caráter dual do momento, é fundamental considerar dois projetos majoritários de modernidade que se apresentavam enquanto sucessores da modernidade europeia: o modelo de modernidade branco ocidental, baseado no desenvolvimento do capitalismo, na exploração econômica, no domínio cultural ocidental e do liberalismo sob a bandeira do Imperialismo e da colonização enquanto veículos de bem estar e igualdade; e o projeto de modernidade baseado na construção de um Estado socialista e no desenvolvimento marcado pelo planejamento econômico e por políticas sociais, a fim de se promover maior igualdade entre trabalhadores e o restante da sociedade. Este último modelo, entretanto, já havia perdido o significado para muitos intelectuais negros radicais comprometidos com a construção de instâncias autônomas e independentes. Porém, diante de sua percepção histórica do modelo de Estado Soviético, seguirá por muitos anos defendendo alguns

aspectos deste modelo. Como seria descrito em seu livro de 1946, *How Russia Transformed her Colonial Empire*, no qual defendia o modelo soviético que, segundo propunha Padmore, havia possibilitado a integração de domínios coloniais russos da era Tzarista ao Estado socialista sem os prejuízos do Imperialismo.

O que Padmore e muitos de seus companheiros de militância percebiam sobre a experiência soviética, era a possibilidade de ultrapassar o modelo de modernidade branca ocidental europeia por dentro de suas estruturas. Além disso, e crucial para esta análise, com o arcabouço teórico do marxismo e suas posturas heréticas, as possibilidades de crítica abriram-se para ambos os projetos de modernidade. Padmore e James, dois intelectuais de orientação anticolonial e marxista, afeitos às encruzilhadas do pensamento, souberam reavaliar a percepção de modernidade comum entre os intelectuais negros afro americanos e caribenhos. Sobretudo, a percepção de que afrodescendentes seriam superiores aos africanos. Isto os ajudou a reposicionar o papel dos sujeitos coloniais africanos nas lutas por libertação do continente africano e a propor um caminho epistemológico centrado na África e no socialismo. Souberam reposicionar o continente africano enquanto cenário privilegiado para a luta anticolonial e consequente Revolução dos trabalhadores mundiais, mas também enquanto plataforma para a construção de teorias revolucionárias. Desta maneira operavam criticamente à modernidade branca europeia ocidental de maneira frontal ao Imperialismo, colonialismo, racismo e ao capitalismo; mas também criticaram o projeto de modernidade Soviético e suas lacunas em direção ao problema colonial e das questões raciais referentes aos negros da diáspora. Este projeto será fundamental nos desdobramentos de um Socialismo Africano posterior às independências africanas.

Em meados da década de 1930, C.L.R. James era um dos membros da *Communist League*, uma corrente política que buscava transformar o *Independent Labour Party* britânico em um partido político revolucionário. James transformou-se em um dos membros mais ativos intelectualmente da *Communist League* destacando-se na produção de conhecimento crítico sobre o marxismo e as relações entre a questão racial e a lógica do capital. Quando o ILP debatia a questão das sanções à Itália diante da crise da Abissínia, James demonstrava sua descrença na Liga das Nações e propunha, ao invés disso, sanções dos trabalhadores à Itália. Para James, a proposta de sanções à Itália pela Liga das Nações não passaria de uma cortina de fumaça para a Guerra Imperialista que se avizinhava. Trabalhadores deveriam recusar-se a carregar navios

com destino à Itália ou ao Chifre da África e igualmente recusar participarem de qualquer empreitada em apoio à Guerra Imperialista. Nas páginas do jornal vinculado ao ILP, o *New Leader*, James convocava os “trabalhadores da Europa, camponeses e trabalhadores da África e da Índia, vítimas do Imperialismo de todo o mundo, todos ansiosos em ajudar o povo Etíope” em lugar de apoiar seus governos na Guerra, “organizem-se independentemente, e através de suas próprias sanções, do uso de seu próprio poder, apoiem o povo Etíope” (JAMES, 1935, p. 5).

James articulou a crise da Abissínia à questão colonial e ao marxismo, angariando apoio no interior do movimento trotskista. Desta maneira realizava duas críticas ao Estado Soviético sob liderança de Stálin. Percorreu cidades importantes da Grã-Bretanha para mobilizar trabalhadores em prol dos boicotes à Itália e em resistência à Guerra Imperialista. O que estava em jogo para ele era a oportunidade que os africanos teriam, diante da resistência dos trabalhadores aos governos imperialistas, de utilizarem-se desta crise para se libertarem do jugo colonial. Neste sentido, a estratégia de Stálin do socialismo em apenas um Estado e da necessidade da defesa da União Soviética era criticada diante de sua visão transnacional das lutas anticoloniais. No fim do ano de 1935, James conseguiu reunir um grupo de militantes do ILP da região norte de Londres, em Finchley, em apoio à suas posições. Foi capaz de articular-se junto a organizações brancas da esquerda britânica, mas também construiu organizações negras de maneira que fosse criada uma rede anticolonial e anti-imperialista (RICHARDSON & CHRYSOSTOM & GRIMSHAW, 1986, p. 185-211).

Marc Matera aponta que as reflexões promovidas por intelectuais caribenhos e africanos na Grã-Bretanha em relação aos contextos coloniais inspiraram os olhares teóricos na antropologia e na história (MATERA, 2015). A perspectiva crítica da produção de intelectuais negros questionando a produção do conhecimento produzido por pesquisadores europeus anteriores à primeira metade do século XX, e os diversos artigos em periódicos anticoloniais e anti-imperialistas, tiveram grande impacto sobre as novas gerações. C.L.R. James e George Padmore eram membros diletos deste grupo de intelectuais que contribuíram com livros, panfletos e jornais para a luta anticolonial e anti-imperial.

Ao chegar à Londres, James empregou suas pesquisas e reflexões dentro do campo da esquerda britânica. Ele então mencionou a Frederic Warburg, editor de livros de esquerda, que havia a necessidade de que mais livros marxistas fossem publicados: “marxistas, mas não do

Partido Comunista” (WARBURG, 1959, p. 185). James também havia mencionado a Victor Gollancz, do *Left Book Club*, que diversos livros estavam sendo publicados, contudo, todos pró Frente Popular e Stálin. Mencionou também que em francês era possível ler livros de Trotsky, mas em inglês apenas panfletos. James então inicia sua empreitada para escrever *World Revolution*, satisfatoriamente financiado por Warburg, o que o possibilitou a ir para Brighton e escrever o livro em quatro meses.

James possuía percepção semelhante à de Padmore em relação à União Soviética. A leitura de que Moscou havia alterado sua política revolucionária de autodeterminação e de combate ao Imperialismo tal qual proposto por Lênin, e abandonado a luta proletária. Após os eventos de 1935, James estava certo de que, além de renunciar a meios revolucionários, a União Soviética abandonou a Abissínia. *World Revolution* direcionou uma forte crítica ao projeto comunista de Stálin e da Terceira Internacional, e buscava explicações para o colapso de sua força revolucionária. Ressalta no livro, de maneira talvez a buscar legitimidade enquanto marxista, ainda que duramente crítico, que “as ideias nas quais o livro está baseado são fundamentalmente ideias do Marxismo”, ideias estas que seriam capazes de explicar a atual crise mundial. A ideia de que os trabalhadores deveriam alinhar-se com as burguesias nacionais, a fim de defender a Rússia e a Europa do fascismo alemão, fizeram com que James criticasse duramente a estratégia da Frente Popular em detrimento de considerar a invasão da Etiópia um evento crucial para a mobilização dos trabalhadores na luta antifascista e anticolonial. Questionado o caráter revolucionário do Comintern, James escreve:

Ainda hoje, com a iminência da guerra longamente anunciada, com as fraturas na estrutura imperialista aumentado dia-a-dia, com o voraz Tratado de Versalhes e suas consequências, o fiasco do desarmamento, a montagem imposta da Conferência Econômica Mundial e seu penoso colapso, tudo revelando às massas a verdade sobre o Capitalismo mais contundentemente do que a propaganda da Terceira Internacional; com o choque de interesses sobre a questão da Abissínia rompendo a cortina da Liga das Nações, e expondo a milhares de pessoas o atraso político, a terrível cobiça e a corrupção nauseante daquilo pelo qual eles serão chamados a lutar, neste momento a Terceira Internacional reposicionou a doutrina de defesa nacional, está pronta para lutar pela bandeira tricolor ou de estrelas e listras, e clamores para defender a Union Jack (JAMES, 2011, p. 68).

Em seu penúltimo capítulo, “A Revolução Abandonada”, James sugere que a Terceira Internacional, seguindo Stálin, perdeu a grande oportunidade dos últimos anos de derrotar a política colonial e o imperialismo. Além de ter perdido a oportunidade de mobilizar a vanguarda da classe trabalhadora na preparação da Guerra que se avizinha. James dava como certo que os

“capitalistas seriam obrigados a estabelecer um acordo, grande ou pequeno, às custas da Abissínia” (JAMES, 2011, p. 372). James pauta sua crítica questionando por quê a Internacional não se posicionou de maneira que fosse dito que ninguém além da classe trabalhadora poderia salvar a Abissínia, o que levaria a derrotada da Liga das Nações. Para o intelectual os trabalhadores soviéticos poderiam ter realizado um embargo do Petróleo vendido para a Itália, aproveitado o sentimento compartilhado em diversas partes do mundo e inclusive enfraquecendo Mussolini em seu país (JAMES, 2011, p. 372). Criticando o fato de que a Terceira Internacional sempre se pautou pelo clamor à unidade dos trabalhadores, quando esta unidade poderia finalmente se realizar, as ordens vindas de Moscou foram as de que,

sob nenhuma circunstância apoiar outras medidas que não fossem as sanções da Liga das Nações (...) O Socialismo em um único país alcançou o estágio no qual o líder do proletariado internacional estava receoso da ação do proletariado mundial tal qual qualquer ditador fascista (JAMES, 2011, p. 373-374).

James pretendeu que este livro servisse às discussões da Quarta Internacional nas críticas à Stálin e ao stalinismo, bem como servisse às lutas do internacionalismo negro, sem que nenhuma destas pautas fosse excludente em relação à outra. Ao longo da década de 1930 James irá produzir obras nas quais este caráter global, que relacionava a luta proletária e revolucionária à causa da liberação do continente africano e dos negros será a tônica. *Jacobinos Negros*, *World Revolution* e a *The History of Negro Revolt*, não podem ser limitados nos marcos do trotskismo estreito, como também não devem ser lidos apenas sob a lógica da libertação dos negros ou da história dos negros no mundo. O que se deve observar nestes livros é o olhar crítico que James direciona ao marxismo e à historiografia europeia. Estes livros fazem parte do período em que James estava vinculado ao IASB e atuando, por meio do pensamento negro radical, na construção do internacionalismo negro ao longo da década de 1930.

Padmore compartilhava desta visão quando publicou *Africa and World Peace*, em 1937, ao propor que o proletariado deveria estar posicionado em posição de combate ao inimigo, cerrando fileiras na luta anti-imperialista, e não colaborando com a burguesia nacional. Para Padmore o problema fundamental na década de 1930 era o colonialismo e a luta socialista deveria ser, portanto, a luta anti-imperialista. A África deveria ser vista enquanto o local privilegiado para a Revolução mundial. Segundo James, “o centro da Revolução Negra era a África e não o Caribe” (MACKENZIE, 1980, p. 68-75). Entretanto, procedendo no que poderíamos chamar de uma tentativa de história global com atenção às escalas, nas páginas

finais do livro *Jacobinos Negros*, James escreve que “Os imperialistas contemplam uma eternidade de exploração africana: ‘o africano é atrasado e ignorante (...)’. Eles estão sonhando” (JAMES, 2000, p. 340). Em 1938, a partir da ilha de Santo Domingo e de Toussaint L’Ouverture, James estava a analisar as possibilidades da Revolução africana. Assim como os franceses no Haiti, que acreditavam que os negros escravizados seriam incapazes de realizar uma Revolução no sistema escravista e colonial da ilha de Santo Domingo, os funcionários coloniais brancos da Grã-Bretanha jamais aceitariam que,

[E]ntre os negros que este governa, houvesse homens infinitamente superiores a ele em capacidade, energia, alcance de visão e tenacidade de propósito; e que, dentro de cem anos, seus brancos seriam lembrados apenas devido ao seu contato com os negros [...] Os negros da África são mais avançados e mais preparados do que eram os escravos de Santo Domingo (JAMES, 2000, p. 340).

James e Padmore não observavam o continente africano enquanto um local totalmente atrasado e secundário na luta por sua libertação. Mais do que isso, quando James escreve sobre os negros escravizados em Santo Domingo, ele observa que se tratava de um movimento realizado e protagonizado por indivíduos inseridos na modernidade assim como o proletariado europeu. As plantações de açúcar da ilha, como propõe James, se assemelhavam às fábricas europeias em sua estrutura de opressão e de produção, por conseguinte, aqueles que lá trabalhavam realizaram um levante proletário, apesar de sua condição cativa. A revolta dos negros escravizados desferiu um golpe em um dos principais Impérios modernos do século XVIII. A possibilidade de que, novamente, indivíduos modernos operassem um golpe nas estruturas do Imperialismo na primeira metade do século XX era iminente, segundo James. Ao considerar os negros de Santo Domingo e os africanos enquanto indivíduos modernos, ele repensava o lugar político dos indivíduos coloniais e da África a partir da condição de modernidade.

Além disso, reformulava as categorias marxistas de análise que até o presente momento não consideravam os negros enquanto indivíduos modernos, e consideravam a escravidão enquanto algo pré-moderno. O livro, *Jacobinos Negros*, influenciou o trabalho de outro intelectual caribenho, Eric Williams, ex-aluno de James que escreveu sobre a relação entre escravidão e capitalismo ainda na década de 1930, mas teve sua obra publicada apenas em meados da década de 1940. James declarou que este livro “não caiu de uma árvore”, afirmou que “tinha em mente escrever sobre a Revolução de Santo Domingo enquanto preparação para

a Revolução que George Padmore e todos nós estávamos interessados, ou seja, a Revolução na África” (JAMES, 2000, p. 69).

A questão racial também foi enfatizada por Padmore no conflito criado pela Itália. Ele questionava se a França, Inglaterra, Estados Unidos e a Liga das Nações tolerariam agressão semelhante a uma nação branca. No início de sua atuação junto ao IAFE, quando havia recém-chegado de Paris, também enfatizou que havia a presença do colonialismo no interior dos fascismos italiano e alemão o que o levava a produzir críticas ao Imperialismo Europeu. Este intelectual foi fundamental nestas críticas ao fascismo e ao imperialismo, pois, ainda que organizações britânicas de esquerda tais como a *Socialist League*, também tivessem feito esta articulação, para ele a questão racial era o aspecto central. Para Padmore fascismo e Império faziam parte de um mesmo arranjo. Padmore afirma que “com exceção das motivações econômicas”, o caráter racial no fascismo destacava-se (PADMORE, 1935, p. 157). Padmore buscou aproveitar-se de um contexto de articulações europeias contra os fascistas para aproximar o Imperialismo e o Nazifascismo. O antifascismo também era um elemento agregador que mobilizava tanto negros quanto brancos, no período entreguerras.

A luta em prol da Etiópia era uma luta “contra, não apenas o imperialismo italiano, mas contra outros ladrões e opressores, os imperialismos britânico e francês” (PADMORE, 1935, p. 214). Também afirmava que o fascismo não poderia ser combatido ao lado do imperialismo. Padmore aumentou o tom das críticas e trouxe problemas para as potências europeias interessadas em desvincular o imperialismo do fascismo. Buscou disputar a legitimidade da luta antifascista para além da Frente Popular, além de alçar as lutas anticoloniais e anti-imperialistas dos africanos e seus descendentes ao centro das lutas mundiais. “A luta da Abissínia é fundamentalmente parte das lutas da raça negra [*black race*] de todo o mundo por liberdade nacional, emancipação econômica, política, social e racial” (PADMORE, 1935, p. 139). Padmore era hábil o suficiente para, ao escrever da metrópole britânica para negros dispersos na diáspora, mas também para cidadãos britânicos e europeus brancos, mobilizar tanto os negros em prol da luta antirracista quanto dos europeus contra o fascismo.

O IAFE contava com a participação de diversos ativistas e intelectuais de diversas partes do mundo colonial negro. C.L.R. James creditava nesta ampla rede anticolonial às intensas articulações de George Padmore e sua reputação como um dos mais respeitados intelectuais e estrategistas anticoloniais e anti-imperialistas. Peter Milliard, da Guiana Britânica, T. Albert

Marryshow, de Granada, Joseph Danquah, da Costa do Ouro, Mohamed Said, da Somália eram alguns dos envolvidos na organização. Que ainda contava com Jomo Kenyatta como secretário honorário e Amy Ashwood como tesoureira honorária. A maior parte destes intelectuais foi contactada por George Padmore desde os tempos do *International Trade Unions Committee of Negro Workers* ao longo da primeira metade da década de 1930. Em uma passagem sobre Padmore, James mencionava que “qualquer um que venha (...) para ir ao Colonial Office deve primeiro ligar para George Padmore” (MACKENZIE, 1980, p. 71). Padmore foi o responsável por consolidar em ações políticas muitas das plataformas ideológicas propostas por James. Segundo Penny Von Eschen,

Como D.G. Kelley propôs, o Partido Comunista frequentemente promoveu, ainda que inadvertidamente, espaços nos quais nacionalistas negros foram capazes de forjar autonomia considerável. Portanto, na década de 1930, a esquerda não apenas ajudou a reformular o pensamento nacionalista, mas o internacionalismo de esquerda – respondendo às assertivas do nacionalismo negro – também foi transformado em suas apropriações pelo pensamento Pan-Africano (ESCHEN, 1997, p. 10).

Diversos dos membros do IAFE estiveram, em algum momento de suas trajetórias, vinculados a organizações comunistas e pensavam suas estratégias através do marxismo. Contudo, devido às diversas críticas à União Soviética referentes a seu posicionamento em relação às lutas dos negros e, mais especificamente, por sua postura sobre o caso da Etiópia, muitos intelectuais haviam apostado em formar organizações negras autônomas e independentes do Comunismo Internacional. O IAFE, portanto, será marcado por um amplo espectro político ideológico, por contar com intelectuais que possuíam variados graus de adesão – ou repulsa – ao marxismo. A figura de Padmore, pragmático e hábil na organização de frentes de luta, será fundamental na amálgama destes e de outros indivíduos das mais diversas orientações.

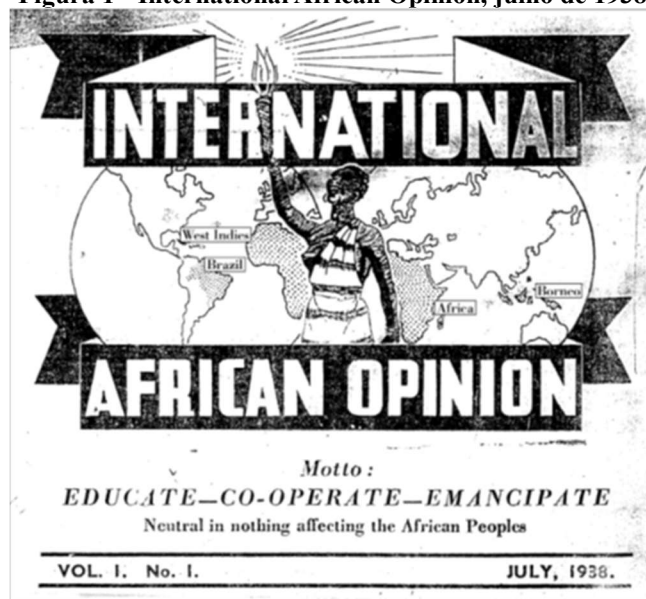
A opinião africana anticolonial

Criado como decorrência do *International African Friends of Ethiopia*, o *International African Service Bureau* foi criado em março, de 1937, a partir da iniciativa de George Padmore. Seu comitê executivo, além de Padmore e C.L.R. James, contava com T. Ras Makonnen, Jomo Kenyatta, I.T.A. Wallace Johnson, Peter Milliard, da Guiana, William Harris, da Jamaica, Chris Jones, de Barbados, Laminah Sankoh, de Serra Leoa, e Babalola Wilkey, da Nigéria. O

IASB “devotou-se ao estudo da questão colonial e da divulgação da propaganda e agitação por toda a Grã-Bretanha, África e nos territórios habitados por povos de descendência africana” (JAMES, 1977, p. 64-65).

O IASB publicou um jornal, o *International African Opinion*, que permaneceu sob a editoria de C.L.R. James, de julho até outubro de 1938, data de sua partida para os Estados Unidos. O jornal foi editado até 1939, de Londres. A imagem de uma mulher negra de cabelos curtos naturais, trajando um vestido aparentemente desenhado tal qual tivesse sido feito em tecidos africanos e expondo delicadamente um dos seios aparecia junto ao título do jornal (figura 1). A imagem, desta vez de uma mulher aparentemente africana, ainda explora o corpo nu como forma de apresentar a luta africana. Porém, se antes as imagens exploravam o corpo masculino para representar a força e o rompimento dos grilhões, agora o corpo feminino concederia a “delicadeza” a esta luta, tal qual imagens ocidentais vinculadas à liberdade e à ilustração.

Figura 1 - *International African Opinion*, julho de 1938.



A mulher negra segura, erguida, uma tocha que iluminava a alcunha *internacional* do título. Ao fundo, o globo terrestre com destaque para localidades da diáspora africana: *Brasil*, *Índias Ocidentais*, *África* e *Borneo*, na Oceania. Ainda que parte do território dos Estados Unidos estivesse destacado, indicando vínculos com os demais territórios, fica claro na imagem que se trata de destacar a presença de um *sul global* marcado pela diáspora negra, pela opinião

anticolonial, ou seja, um Terceiro Mundo anticolonial e anti-imperialista, em busca de autonomia e independência. O slogan do jornal era, “educar, cooperar, emancipar” e “neutro em nada que afete os povos Africanos”. Longe de apresentarem-se enquanto vanguarda diaspórica que conduziria as lutas coloniais, o IASB se propunha a representar “uma opinião pública progressista e ilustrada entre africanos e seus descendentes”. Entre os objetivos da organização estava “apoiar as demandas de africanos e outros povos coloniais por direitos democráticos, liberdades civis e autodeterminação”.

O IASB defendia pautas aparentemente liberais como direitos ao sufrágio universal, às liberdades civis; ao salário mínimo estabelecido; fim da barreira de cor nos segmentos profissionais nas colônias; fim das leis discriminatórias e segregacionistas tais como as leis de passe; taxas de habitação em cabanas e leis que permitiam o trabalho forçado; liberdade de imprensa e liberdade de associação de sindicatos. Contudo, qual Estado colonial racista estaria disposto a revogar tais leis? Qual parlamento estaria apto a debater ou votar pelo fim destas barreiras raciais? É fundamental que se compreenda que, ainda que defensores de mecanismos referidos aos estados modernos europeus, os intelectuais africanos pretendiam reconstruir os estados a partir de seu vocabulário político. O indivíduo negro que reivindicava direito ao sufrágio para seus semelhantes na década de 1930 deve ser considerado radical, tendo em vista que questionava, desta forma, todo um sistema de opressões e violências naturalizado em grande parte do globo. Ainda que inseridos de certa forma nos discursos de modernidade disponíveis no pensamento Ocidental, a postura do pensamento radical negro, mais especificamente nas produções de C.L.R. James e George Padmore, em relação à modernidade se comportou de maneira subversiva, herética e inovadora.

Muitos intelectuais negros anticoloniais da primeira metade de século XX conviveram com a intensa supervisão dos órgãos de inteligência metropolitanos. George Padmore, que já havia assumido este pseudônimo antes da década de 1930, possuía experiência em relação à supervisão pessoal e à prática do banimento de seus textos e jornais anticoloniais. O *International African Opinion* geralmente não publicava textos assinados. Alguns textos eram assinados com iniciais, pseudônimos, ou “comitê executivo”, apenas.

Em sua primeira edição, em julho de 1938, o editorial – não assinado, mas provavelmente escrito por James, o editorialista, em conjunto com Padmore, idealizador da organização – traz os objetivos e o programa do grupo. O texto de duas páginas se insere tanto

como um programa para a consciência política negra, em um momento de tentativa de manutenção e sobrevivência da supremacia branca, fosse através do discurso fascista ou do Imperialismo europeu, quanto um convite à internacionalização. É direcionado a uma audiência transnacional e transcolonial. Pois, ainda que transmitido em inglês e direcionado ao público anglófono traz um apelo a todos aqueles que sofrem com o colonialismo, mas foram dispersos pelo imperialismo e pelos idiomas, tal qual Aimé Césaire faria. O editorial apresentava que,

Apesar de nossa posição em Londres fazer de nós mais imediatamente familiares aos problemas dos Negros [*Negroes*] nas colônias britânicas, nosso apelo por colaboração se estende aos Negros [*Negroes*] de toda parte aonde quer que eles estejam, nas colônias francesas, belgas, nos Estados Unidos e na América do Sul. Problemas irão diferir de país para país, mas há um laço comum de opressão, e tal como a luta etíope mostrou, todos os Negros [*Negroes*] do mundo estão começando a reconhecer a necessidade da organização internacional e da unificação de seus esforços dispersos (JAMES, 1938, p. 1).

Neste editorial, as concepções de mudança revolucionária baseiam-se na ação direta das massas tal como defendido por ele durante as sanções à Itália, que deveriam partir dos trabalhadores e não seguir aquelas da Liga das Nações. Este posicionamento editorial pode ser atribuído a Padmore tendo em vista sua experiência editorial anterior no *Negro Worker*, pautada na articulação das lutas diárias e cotidianas dos trabalhadores nas colônias com a produção intelectual nas metrópoles. Ambos os jornais possuíam um apelo popular e com forte orientação de classe. O editorial propõe ainda que as condições de vida de alguns indivíduos negros nas metrópoles não deveriam servir de medida ao sucesso da luta anticolonial, por ser esta luta baseada nas massas populares e em seu benefício. Estes intelectuais deveriam dar-se conta que, no atual momento, não cabia mais se conformar com “as migalhas caídas das mesas de seus mestres imperialistas. Eles devem identificar-se com as lutas das massas.” Estes intelectuais devem apoiar as massas em seus esforços rumo ao melhoramento de suas condições de vida e rumo à cidadania plena nas colônias. Seria apenas por estes meios, e por mais nenhum outro, que “os profissionais negros; professores e servidores públicos e outros, irão melhor servir em seus próprios interesses.” O *International African Opinion* “será, na medida do possível, o porta-voz dos trabalhadores e camponeses negros, e daqueles intelectuais que enxergam a necessidade em fazer deles próprios a causa das massas” (JAMES, 1938, p. 3).

Esta postura referente aos intelectuais e seus limites, também reforçava o posicionamento antivanguardista de C.L.R. James. O editorial reconhece a impossibilidade de libertar “milhares de africanos e seus descendentes da servidão e opressão”. O jornal afirma

que esta conquista só será alcançada pelo próprio povo negro [*black people*]. O papel do jornal e dos intelectuais seria dar auxílio e estímulo ao crescimento da consciência entre os negros [*blacks*] e o contato entre estas massas e os movimentos anticoloniais. Este contato, entretanto, serviria a tais movimentos a fim de que aprendessem com as experiências acumuladas por estas massas em sua “lida diária” para que erros e obstáculos do passado – possivelmente os erros do comunismo soviético – não fossem repetidos. O IASB faria a co-ordenação e propaganda “em cada canto da Grã-Bretanha, expondo as maldades, pressionando pelas soluções que sejam possíveis, e mobilizando quaisquer assistências que possam ser encontradas na Europa para a causa da emancipação africanas” (JAMES, 1938, p. 3).

Também está presente a crítica ao caráter epistemológico e psicológico do racismo e do colonialismo, ratificando a crítica racial nas percepções anti-imperialista e anticoloniais. A ideia de que os negros não estão aptos a estarem à frente de seus rumos e ações “envenena a mente dos brancos” e “recai pesadamente na moral de nosso povo”. O que o IASB propõe é que a emancipação africana só seria alcançada através da ação dos negros da diáspora, assim como a libertação de quaisquer povos só será alcançada pela mobilização independente destes povos em questão. A liberdade não lhes será dada por ninguém nem por nenhuma organização que não lhes seja própria. “O povo negro deve, portanto, carregar seu próprio fardo. Os africanos reivindicam o direito de administrar seus próprios assuntos e aceita esta responsabilidade plenamente a fim de cumprir esta demanda”.

Se autoproclamando uma organização *africana* o IASB possuía uma política de filiação limitada aos africanos e seus descendentes, independente de nacionalidade, religião ou vinculação política, desde que os candidatos tivessem acordo com sua plataforma. A proposta de solidariedade racial do IASB, portanto, não se baseava em pressupostos biológicos ou meramente culturais, mas pautava-se pela sua compreensão política, seguindo tradição intelectual de uma parcela do internacionalismo negro. A politização da questão racial seria a forma de posicionar-se contra o racismo biológico e eugênico em voga no pensamento ocidental da primeira metade do século XX. O essencialismo racial, ou como chamado à época, o *chauvinismo racial*, portanto, não seria tolerado. Tampouco a arrogância racial, fosse ela de negros ou brancos, não seria tolerada. Esta postura seria a postura dos inimigos do progresso humano. Este posicionamento indica o caráter humanista do pensamento Pan-Africano de C.L.R. James e Padmore, mas que também foi compartilhado por Franz Fanon, e por Léopold

Senghor, ainda que sob clivagens distintas. O IASB não acreditava, portanto, que a emancipação africana seria alcançada de maneira isolada e sem a participação do resto do mundo.

O IASB considerava a adesão de europeus simpáticos às causas da organização, bem como de membros de ‘outras raças’ que desejassem demonstrar apoio em termos práticos às causas em questão. Isto fez com que o IASB se fundasse em uma plataforma *africentrada*¹⁰ em suas produções e opiniões, mas “multirracial” em sua composição mais ampla. Segundo Wallace Johnson, um dos maiores obstáculos rumo ao sucesso da luta anticolonial era “a falta de contato direto (...) entre os povos coloniais, os aliados dentre o público britânico, e os povos descendentes de africanos” (MAKALANI, 2011, p. 213). Outro aspecto importante da organização era seu caráter classista, observando as clivagens de classe em seus posicionamentos críticos, inclusive em relação às “classes profissionais de negros e das classes médias intelectuais negras” defensores de políticas de melhorias materiais do povo negro desvinculadas de caráter revolucionário.

O objetivo final referido no editorial seria a autonomia dos negros a partir da automobilização popular e de um socialismo radical revolucionário. Esta autonomia e sua consequente mobilização seriam responsáveis por promover greves gerais, apresentar candidaturas em conselhos municipais e disputar representação nas instâncias governamentais. O IAO apresentava-se enquanto o advogado metropolitano dos levantes de trabalhadores nas colônias, tais quais aqueles que aconteceram no Caribe e na África no fim da década de 1930.

Os líderes do IASB possuíam como propósito assistir de diversas formas africanos e seus descendentes contra a opressão sofrida nos campos: social, político e econômico, bem como no que tange à educação. Pretendiam construir um movimento anticolonial amplo, baseado na luta das classes trabalhadoras mundiais. Em um de seus panfletos anunciavam que a organização intencionava trabalhar ao lado de “aliados ingleses e raças subjugadas” e “cooperar com todos os pacifistas democráticos e forças dos trabalhadores que desejassem o avanço dos africanos”. Agiam programaticamente em direção a melhor informar a opinião pública britânica com os pontos de vistas africanos, e estabelecendo articulações entre os africanos da África [*at home*] e africanos de alhures [*abroad*]. O IASB também buscou construir

¹⁰ Esta categoria remete às visões que partiam do *topos* africano, ainda que formuladas por negros da diáspora que se assumiam enquanto africanos. Entretanto, busca se diferenciar da perspectiva afrocêntrica apresentada por Molefi Asante a partir de sua publicação *Afrocentricity: The Theory of Social Change*, em 1980.

uma “teoria da emancipação colonial” independente e autônoma em relação à Segunda, bem como à Terceira Internacional Socialista.

Este posicionamento produziu obras de *teoria política e histórica*, tal qual afirmou Anthony Bogues. Segundo este autor, C.L.R. James e Du Bois, por exemplo, produziram “textos históricos de intervenção política radical” e nomeia suas obras como “obras de teoria histórica e política” (BOGUES, 2003, p. 78-81). Os membros do IASB, com destaque para C.L.R. James, souberam combinar e articular suas teorizações sobre as lutas anticoloniais, sobre o anti-imperialismo e sobre o racismo. Mas foi Padmore quem colocou este vocabulário político, *africano* e *internacional*, a *serviço* das conexões intercoloniais, algo que já havia iniciado com Garan Kouyaté nos anos finais de seu vínculo com o Comintern (EDWARDS, 2003, p. 303).

Enquanto um *serviço africano* disponível às lutas anticoloniais e aos negros da diáspora o que tal organização poderia oferecer? A resposta envolve o estudo da questão colonial e sua teorização, sob o ponto de vista epistemológico dos africanos. Estes, compreendidos de forma transnacional. A promoção de uma consciência política e histórica *africentrada*, articulações entre os movimentos coloniais e as metrópoles através de publicações nas páginas do jornal, mas também de ações práticas concretas que consideravam o passado recente das lutas anticoloniais, bem como o passado africano, em prol da *cooperação, educação e emancipação*.

Ainda sobre o caráter do *serviço* da organização, esta alcunha se dava estrategicamente em um cenário no qual qualquer organização que não estivesse alinhada com a Frente Popular poderia facilmente ser taxada de fascista ou *subversiva*. Desta maneira a organização desenvolvia uma estratégia Pan-Africana, sem, entretanto, se apresentar enquanto tal. T. Ras Makonnen afirma que em 1937,

nós naturalmente considerávamos a possibilidade de reativar o movimento Pan-Africano iniciado por Du Bois, mas nos parecia mais seguro operar sob o guarda-chuva do serviço ao invés de assumir o risco de receber ataques frontais enfatizando o ousado título de Pan-Africano (MAKONNEN, 1973, p. 117).

O editorial é categórico em afirmar que o jornal não irá se tratar de “um jornal literário ou portador de conselhos do alto da montanha. Será jornal de ação”. Isto não significa, contudo, que o jornal irá negligenciar o debate político e teórico em suas páginas. Textos como os de George Padmore, *Labour Unrest in Jamaica*, de Makonnen, *A Plea for Negro Self Government*, trazem debates políticos sofisticados e densos, da mesma maneira que é possível encontrar

resenhas de livros acadêmicos e literários como *Facing Mount Kenya*, de Jomo Kenyatta, ou de Richard Wright, *Uncle Tom's Children*, e poemas de Langston Hughes. O jornal, e a organização conseqüentemente, serviam enquanto armas efetivas de disputa política no mundo global e da ampliação da imaginação historiográfica e histórica de africanos e seus descendentes.

No início da década de 1980, Joseph Ki-Zerbo, no primeiro volume da obra *História Geral da África*, estabeleceria os quatro princípios que deveriam nortear as pesquisas no campo da historiografia africana. Aqui nos interessa destacar três destes princípios: a *interdisciplinaridade*, a *história enfim vista do ponto de vista africano*, o *olhar para suas estruturas, civilizações e instituições*. James e Padmore, bem como tantos outros, imprimiram olhares epistemológicos complexos, reivindicaram e propuseram a opinião africana, e produziram análises sobre as formas de luta, partidos e instituições políticas africanas, bem como projetaram o futuro dos estados soberanos africanos sob bases inovadoras.

J.D. Fage aponta que a maioria dos historiadores e arqueólogos – europeus –, até os anos 50, não considerava a África Subsaariana digna de sua atenção científica. Diferente de antropólogos e linguistas, interessados na variedade linguística e de tipos físicos à medida que o campo se consolidava (FAGE, 2010, p. 13). Também aponta para a relação entre as administrações coloniais e a pesquisa histórica – comandada por pesquisadores “especialistas” europeus – dando ênfase a empreitada francesa na sistematização de estruturas mais rígidas por conta da presença de historiadores franceses entre ex-administradores. Contudo, mesmo como integrantes do meio acadêmico, tanto na França quanto na Grã-Bretanha, estes pesquisadores não ocupavam as cátedras de história, mas as de línguas africanas ou de administração colonial. O autor argumenta que com a formação da *Société Africaine de Culture* e sua revista, *Présence Africaine*, a partir de 1947, houve o empenho em uma história da África descolonizada. Aos intelectuais vinculados à revista, Fage sugere o combate aos mitos e preconceitos “subjetivos” ao passo que refinaram e ampliaram as metodologias históricas.

O que busquei neste artigo, ainda que através dos combates à invasão da Etiópia e a partir das trajetórias de George Padmore e C.L.R. James, foi reunir o combate ao colonialismo e ao imperialismo, desde a década de 1930. Estes dois intelectuais, ao organizarem as lutas anticolonial e anti-imperial, através de um Pan-Africanismo militante, também contribuíram para a “evolução positiva” da historiografia africana. Fage termina seu artigo mencionando que

o desenvolvimento desta historiografia foi possível por conta dos intercâmbios interafricanos e pelas relações acadêmicas entre a África e outras partes do mundo, a partir de 1948. E que este cenário, visto da década de 1980, seria impossível sem as lutas por libertação da África do jugo colonial. Teriam sido as “guerras” de libertação – o autor cita o levante de Madagascar, em 1947, e a independência do Marrocos, em 1955 – que criaram para os povos africanos as possibilidades de retomar o contato com sua história e de controlar sua organização (FAGE, 2010, p. 21).

O que sugiro, por outro lado, é afirmar que foi a mobilização Pan-Africana, que contou com a liderança de James e Padmore a partir da década de 1930, que consolidou a construção de solidariedades entre negros, levando-os a reforçarem suas identidades e a busca pela história *africana*. Este Pan-Africanismo promoveu interações transnacionais e, ao consolidar um arcabouço epistemológico próprio e original, promoveu lutas pela libertação do continente africano. A invasão da Etiópia, em 1934, portanto, é aqui pensada enquanto marco da consolidação de um interesse na história da África *africentrado* e anticolonial; da proposição de uma identidade africana complexa e pautada por um conceito de raça elaborado sob bases políticas e sociológicas; de um Pan-Africanismo orientado para além dos marcos do Estado-nação; da proposição de uma modernidade dissonante das modernidades europeias; e da imaginação revolucionária que propunha, através da luta de classes e da luta anti-racista, atingir a liberdade e o fim do imperialismo e do capitalismo.

O continente africano, por outro lado, enquanto território geográfico no qual as *guerras* por libertação se processaram, é ampliado para o *topos* da diáspora negra, das *lutas* por libertação das metrópoles imperiais em conexão com territórios coloniais. A diáspora negra aqui pensada emerge não apenas enquanto um território geográfico mais amplo, possivelmente confundível com o Atlântico Negro, mas enquanto um *topos* e uma condição. É a partir do internacionalismo negro do período entreguerras, de suas encruzilhadas, múltiplos caminhos e entroncamentos que se propõe uma modernidade alternativa ao continente africano nas disputas por liberdade. É a diáspora negra, portanto, que indica este quadro, a partir das conexões entre movimentos anticoloniais das metrópoles e dos territórios coloniais, bem como produz este alargamento do *topos* África, a partir de sua imaginação e solidariedades transacionais.

Referências bibliográficas

ABRAHAMAS, Peter. *The Coyoba Chronicles: Reflections on the Black Experience in the 20th century*. Kingston: Ian randle, 2000.

AZIKIWE, Nnamdi. *My Odyssey: An Autobiography*. New York & Washington: Praeger Publishers, 1970.

BOGUES, Anthony. *Black Heretics, Black Prophets: Radical Political Intellectuals*. Psychology Press, 2003.

BOURNE, Stephen. *Mother Country: Britain's Black Community on the Home Front, 1939-1945*. Stroud, Gloucester: History Press, 2010.

BRITO, Mario Eugenio Evangelista Silva. Uma leitura desde a diáspora sobre historiografia africana independentista: a década de 1950, os casos de K. O. Dike e C. A. Diop. *Revista Transversos*, v. 10, n. 10, 2017, p. 205-235.

COOPER, Frederick. Conflito e Conexão: repensando a história colonial da África. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, no. 27, julho de 2008.

DANIEL, Walter C. *Black journals of the United States (Series Title, Historical guides to the world's periodicals and newspapers)*. Westport, CT: Greenwood Press, 1982.

DRAKE, St. Clair. "Negro Americans and the Africa Interest". In: John P. Davis (org.) *The American Negro Reference Book*. Englewood Cliffs. New Jersey: Prentice Hall, 1966.

EDWARDS, Brent Hayes. *The Practice of Diaspora. Literature, translation, and the rise of black internationalism*. Cambridge, Massachusetts and Londres: Harvard University Press, 2003.

ESCHEN, Penny M. von. *Race Against Empire: Black Americans and Anticolonialism 1937-1957*. Ithaca: Cornell University Press, 1997.

EZEH, P-J. "Anthropology in Post-colonial Africa: The Nigerian Case," in: Mwenda Ntarangwi, David Mills, and Mustafa Babiker (org.) *African Anthropologies: History, Critique and Practice*. London, 2006.

FAGE, J.D. A evolução da historiografia da África. In: Joseph Ki-Zerbo. *História Geral da África*. Vol. 1. UNESCO, 2010.

FUREDI, Frank. *Colonial Wars and the Politics of Third-World Nationalism*. I.B: Tauris, 1994.

HALL, Stuart. A Conversation with C.L.R. James. In: Grant Farred (org.) *Rethinking C.L.R. James*. Oxford, Blackwell, 1996.

- HOGSBJERG, Christian. *C.L.R James in Imperial Britain*. Durham. NC: Duke University Press, 2014.
- JAMES, C. L. R. *World Revolution: 1917–1936: The Rise and Fall of the Communist International*. Durham e Londres: Duke University Press, 2011.
- JAMES, C. L. R. Lectures on black jacobins,” *Small Axe* 8, Set 2000. pp. 65-112.
- JAMES, C. L. R. *At the Rendezvous of Victory*. Londres: Allison & Busby, 1984.
- JAMES, C. L. R. *Beyond a Boundary*. Durham: Duke University Press, 2013.
- JAMES, C. L. R. *Life of Captain Cipriani: An Account of British Government in the West Indies*. Durham: Duke University Press, 2014.
- JAMES, C. L. R. *Nkrumah and the Ghana Revolution*. Westport, Conn: L. Hill, 1977.
- JAMES, C. L. R. *Os jacobinos negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- JAMES, C. L. R. *The Black Jacobins: Toussaint L’Ouverture and the San Domingo Revolution*. Londres, Secker & Warburg, 1938.
- LAMING, George. *The Pleasures of Exile*. London: Allison and Busby, 1984.
- LANGLEY, J. Ayodele. *Pan-Africanism and nationalism in West Africa, 1900-1945: a study in ideology and social classes*. Londres: Claredon Press, 1973.
- MAcKENZIE, Alan J. “Radical Pan-Africanism in the 1930s: A Discussion with C.L.R. James”. *Radical History Review* (1980) 1980 (24): pp. 68-75.
- MAKALANI, Minkah. *In the Cause of Freedom Radical Black Internationalism from Harlem to London, 1917–1939*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2011.
- MAKONNEN, T. Ras. *Pan-Africanism from Within*. Nairobi: Oxford University Press, 1973.
- MARTIN, Tony. *Amy Ashwood Garvey: Pan-Africanist, Feminist, and Mrs. Marcus Garvey No. 1; Or, A Tale of Two Amys*. Dover, Massachusetts: The Majority Press, 2007.
- MATERA, Marc. *Black London: The Imperial Metropolis and Decolonization in the Twentieth Century*. Oakland, California: University of California Press, 2015.
- MATERA, Marc & KENT, Susan K. *The Global 1930s The International Decade*. Califórnia: Routledge, 2013.
- MATTOS, Pablo de O. (et al.). *História da África Contemporânea*. Rio de Janeiro, Ed. Pallas, 2014.

- McKAY, Claude. *Harlem: Negro Metropolis*. New York: Harvest, 1968 [1940].
- NKRUMAH, Kwame. *Ghana: The Autobiography of Kwame Nkrumah*. 2. ed. Nova Iorque: International, 1971.
- PADMORE, George. *How Britain Rules Africa*. New York: Lothrop, Lea and Sherap Company, 1936.
- PADMORE, George. *Africa and World Peace*. London: Secker and Warburg, 1937.
- PADMORE, George. *Life and Struggles of Negro Toilers*. London: Red International of Labour Unions, 1931.
- RICHARDSON, Al; CHRYSOSTOM, C; GRIMSHAW, A. C. L. R. *James and British Trotskyism: An Interview with C. L. R. James*. 8 de junho, 16 de novembro, 1986, South London. Disponível em: <https://bit.ly/33pwxUT>. Acesso em: 14 abr. 2018.
- ROBESON, Eslanda Goode. *African Journey*. New York: John Day, 1945.
- ROBINSON, Cedric. *Black Marxism: The Making of the Black Radical Tradition*. Carolina do Norte: North Carolina University Press, 2000.
- SCHWARZ, Bill. *West Indian Intellectuals in Britain*. Manchester: University Press, 2003.
- SRIVASTAVA, Neelam. *Italian Colonialism and Resistances to Empire, 1930-1970*. Cambridge: Palgrave Mcmillan, 2018.
- WARBURG, Frederic. *An Occupation for Gentlemen*. Reprint, Boston: Houghton Mifflin, 1960.
- ZACHERNUK, Philip S. *Colonial Subjects: An African Intelligentsia and Atlantic Ideas*. Charlottesville, VA, 2000.

Fontes primárias e artigos de jornal

- JAMES, C.L.R. Editorial. *International African Opinion* 1. no. 1, julho de 1938a, pp. 1-3.
- JAMES, C.L.R. “Is This Worth War?”. *New Leader*, 4 de Out, 1935a. p. 5.
- JAMES, C.L.R. “Fascist Terror Against Negroes in Germany”. *Negro Worker*, no. 4-5, abr-mai, 1933. p. 1.
- JAMES, C.L.R. “The Missionary Racket in Africa”, *Crisis*, n. 44, julho, 1935b. p. 214.
- KENYATTA, Jomo. “Hands Off Abyssinia”. *Labour Monthly*, vol. 17, n. 9. Set de 1935. p. 532.

- PADMORE, George. "Ethiopia and World Politics". *Crisis*, n. 42, maio, 1935a. pp. 138-157.
- PADMORE, George. Correspondência para W.E.B. Du Bois, 3 de julho de 1945. University of Massachusetts, W.E.B. Du Bois Library, Du Bois Papers, rolo de microfilme, 59/337-376.
- TATE JR., John W. Race Must Learn More of Its History Says Scribe Who Puts Blame on Present School Plan. *Chicago Defender*, 9 de dezembro de 1939. p. 15.
- WASU. West African Students Meeting. *The Keys*, dezembro de 1936. p. 16.
- WASU. *West African Students Union Jornal*, no. 2, abril-junho, 1933. pp. 1-2.